

O congresso económico foi uma autêntica mistificação. Os causadores da nossa miséria quiseram fingir que nos queriam salvar! Que fartufos!

## A greve dos ferroviários alemães

A greve dos ferroviários alemães foi declarada pelo Sindicato Nacional dos Ferroviários da Alemanha (sindicato neutro, reformista não filiado na C. G. T. alemã) com o fim de responder às ameaças patronais e governamentais de diminuição de salários e de aumento de horas de trabalho, e iniciou-se no dia 1 do corrente.

A greve desde o seu início foi quasi total apesar da evidente hostilidade da Federação dos Ferroviários aderentes à C. G. T. e da dos Sindicatos Cristãos.

A circulação paralisou com tendência para se agravar em virtude da grande maioria dos maquinistas e chauffeurs terem abandonado o trabalho.

A seguir à declaração da greve o governo alemão tomou medidas severas. O chanceler Wirth declarou que por forma alguma o governo entraria em quaisquer negociações com os grevistas e que nunca reconheceria o direito de greve aos funcionários.

Ameaçou com o prisão e multa de 500 a 50.000 marcos os chefes do movimento.

Mobilizou os corpos de voluntários (Liga cívica) conjuntamente com a tropa, tentando por esta forma restabelecer o transporte de viveres e de viajantes.

Convidou as direcções dos caminhos de ferro a dirigirem avisos aos grevistas, intimando-os a retomarem o trabalho sob pena de serem considerados como delinquentes.

Confiscou os fundos depositados no banco pelo Sindicato Nacional e pelo Sindicato dos P. T. T. que tinha decidido auxiliar pecuniariamente os ferroviários grevistas.

Prender os militantes que dirigiam o movimento.

A luta travou-se então, impondo naturalmente aos outros trabalhadores uma solidariedade completa.

Mas em vez disso, assistiu-se a este facto inaudito: a C. G. T. alemã filiada na Internacional Sindical de Amsterdam, reprovou a greve, censurou a atitude dos grevistas e exigiu deles que retomassem o trabalho.

Quando o chanceler Wirth declarou não querer negociar com os grevistas, recebeu os representantes da C. G. T., os da Federação dos Funcionários e os dos Sindicatos Cristãos, com eles combinava a forma de estranhar o movimento.

Pois foi imediatamente após esta entrevista, que a C. G. T. lançou o seu apelo para que se retomasse o trabalho declarando: «que a greve tinha sido proclamada com desprezo de todos os princípios sindicalistas».

E viu-se também a Federação dos funcionários fazer ao chanceler a promessa de que empregaria toda a sua influência para pôr fim à greve.

Por esta forma os ceguetismos alemães, após previo entendimento com os social-democratas governamentais que na C. G. T. alemã fazem a chuva e o bom tempo, apunhalaram a greve que se desencadeara contra a sua vontade.

Em lugar de lutarem e de apoiarem o movimento, estrangularam-no, denunciando-o como uma maquinação do bilionário Stinnes, que segundo eles, tinha provocado a greve com o fim de se apoderar dos caminhos de ferro!

Felizmente, para os ferroviários que a C. G. T. tem perdido muito da sua autoridade e eles conseguiram ter a seu lado não só a quasi unanimidade dos ferroviários da Alemanha como a solidariedade de outras classes, entre as quais as dos trabalhadores municipais de Berlim, que saltando por cima dos chefes, decretaram a greve de solidariedade para com os ferroviários.

Se a atitude dos «leaders» reformistas, ficou abaixo de qualquer classificação, a atitude da pseudo imprensa operária foi repulante.

O «Vorwärts» órgão dos Noske e dos Scheidemann, desaprovou a greve e declarou criminoso o seu prolongamento. Durante todo o conflito apoiou a política de repressão governamental.

Com toda a imprensa democrática o «Vorwärts» felicitou-se pelo aspecto que os acontecimentos tomaram, aplaudindo a acção mediadora da C. G. T. que não só não hesitou em condenar a greve como até chegou a proclamar com antecedência a vitória do governo.

Por fim, o militarismo, que em todos os países, está ao serviço do capital, representou igualmente o seu papel. Ao iniciar-se o conflito o ministro dos trabalhos públicos, da França, encarregou o general Weygand «de tomar todas as disposições úteis».

A alta comissão inter-aliada avisou o Reich que o trabalho seria mantido em todas as empresas de interesse público, e o general Desgouttes, comandante em chefe dos exércitos aliados, baseando-se nesta ordenação, prescreveu ao pessoal dos caminhos de ferro «a continuação do trabalho sob pena de serem levados a conselho de guerra».

Os exércitos aliados encarregados de guardarem os cofres fortes dos capitalistas alemães da margem esquerda do Reno, desempenharam-se da missão que lhes foi confiada. Os oficiais franceses transformaram-se em fura-freixes, servindo-se de trabalhadores desarmados em soldados para defenderem os exploradores alemães.

Durante as negociações entre o governo, os dirigentes da C. G. T. alemã e os sindicatos contrários à greve; o chanceler numa alocução constativa o acordo existente entre todos para a reconstrução económica mundial, acusando os grevistas de pretenderem contrariar este acordo e declarando que a manutenção da ordem era indispensável à sua realização.

Entretanto esta manutenção da ordem e da propriedade capitalista vem-se traduzindo na Alemanha por um pro-

lundo agravamento das actuais e horribes condições de vida do proletariado alemão e em relação aos ferroviários basta dizer-se que segundo as estatísticas oficiais os salários e vencimentos dos ferroviários acusam em média um aumento de 1200 %, em relação aos salários e vencimentos da ante-guerra enquanto que o custo da vida no mesmo lapso de tempo aumentou pelo menos 2500 %.

O índice oficial do comércio por grosso no mês de Dezembro último já nos dava um aumento de 3600 %.

Portanto segundo parece — pelo que se vê — os dirigentes sindicais alemães, não de opinião que a reconstrução capitalista se deve fazer à custa dum «gravamento» cada vez maior das insuportáveis condições de vida do proletariado!

Como é sabido já pelos nossos leitores a greve terminou por um acordo não sendo entretanto pagos os dias de greve, nem readmitidos um certo número de funcionários despedidos.

## Página escolhida

### Decadência do capitalismo

Presentemente, a noção de preço não significa.

Sob o regime de pagamento em boa moeda, ouro ou notas reembolsáveis em ouro, o preço de uma mercadoria era coisa bastante exacta, que nada tinha de arbitrário. Dizer que um objecto valia 20 francos, era o mesmo que dizer que, com a condição de se fornecer o trabalho necessário para a extração de uma quantidade de ouro igual à contida numa peça de 20 francos, se podia obter esse objecto. Nada de arbitrário, e antes uma grande estabilidade nos preços das mercadorias, porquanto as condições técnicas da extração do ouro não podiam variar instantaneamente.

Com a má moeda actual, isto é com papel não reembolsável em ouro, nada disso se dá. Não representando o papel uma riqueza real, não tendo precisado para ser produzido um trabalho proporcional à soma que traz impressa, o preço de uma mercadoria não representa nada de real, torna-se qualquer coisa de arbitrário. Bastaria mudar os dizeres do papel-moeda para mudar o preço das coisas. Portanto, os preços são a instabilidade mesmo.

A alta formidável que se produz actualmente mostra quanto é verdade que os preços são instáveis sob o regime do curso forçado.

A consequência que resultará para a economia capitalista, desta instabilidade dos preços, será a supressão de toda a operação a longo prazo, empregando a palavra operação no sentido mais lato.

Com o regime dos preços relativamente fixos, consequência do sistema da boa moeda, sabe-se que 20 francos valerão ainda 20 francos, ou aproximadamente, daqui a 10, a 20, a 50 anos. Com 20 francos poder-se há obter daqui a 20 anos quasi a mesma quantidade de mercadorias que hoje. Economizar, colocar dinheiro em empresas morosas, significa, portanto, alguma coisa.

Pelo contrário, com o sistema da má moeda e a instabilidade dos preços que daí resulta, não se sabe se no ano vem, os 20 francos que se tiverem economizado este ano valerão o mesmo 20, isto é se se poderá obter com eles metade das mercadorias que se podiam obter este ano, se se tivessem dispendido imediatamente.

Nestas condições ninguém se arriscará a operações a longo prazo. Colocar-se há o dinheiro em bilhetes do tesouro reembolsáveis a curto prazo e sempre descontáveis. Conceder-se há talvez crédito aos clientes, mas a 30 dias; a 90 dias só por excepção, e em todos os casos ninguém se aventurará mais além. Quanto a pôr dinheiro em empresas que só darão rendimento passados 5 ou 10 anos, nem pensar nisso.

Ora esta supressão das operações a longo prazo, fora de toda a dúvida, não é a morte do capitalismo, é peor do que isso, é a sua decadência.

R. LOUZON.

Fôram nomeados professores efectivos dos liceus, os professores agregados do 2.º grupo do liceu de Leiria, sr. José Guerreiro Murta; do 3.º de Guimarães, sr. José Francisco dos Santos e Antonio Mario Aroso; do 6.º de Beja, sr. João de Serra Esteves de Oliveira; do 6.º de Castelo Branco, sr. João Corrington Simões Costa; do 7.º do mesmo liceu, sr. Antonio Lopes de Oliveira, e do 7.º de Beja, sr. Egidio Aires de Azevedo.

Fôram nomeados professores provisórios de educação física, do liceu de Gil Vicente, os srs. Pedro de Oliveira, Memede Avelas Formosinho e Augusto de Sousa Magalhães e do liceu de Angra, o sr. Eugénio Carlos Gama.

## No império de Norton de Matos

## Os preliminares da história

## O imperador Norton e as suas viagens imperiais. — As suas investidas contra os ferroviários. — Um administrador «modêlo» com a mania da perseguição

Nunca em época alguma, nunca em nação alguma, incluindo a mais selvagem, se praticaram tam monstruosas barbaridades como as que se veem praticando desde há anos na África Ocidental portuguesa e principalmente desde que aquela colónia foi submetida ao regime de Alto Comissariado, altas funções desempenhadas, como se sabe, pelo «feroz despota democrático, o diabo sombrio, rajah sanguinário, mau e cruel» — como lhe chamaram em 1919 o jornal *A Verdade*, que bi-mensalmente se publica na capital daquela colónia.

## Norton de Matos ordena a extinção da Associação dos Funcionários e persegue os ferroviários

Este perseguidor, que *desgoverna* a ferro e fogo, quando chegou a Loanda, sabendo que existia ali uma Associação dos Funcionários Públicos, embora legalmente constituída, exteriorizou logo a sua cólera, determinando a extinção daquele organismo e perseguindo os elementos que se haviam salientado na greve de Outubro de 1920, reivindicando os seus direitos e uma mais compensadora situação monetária para aliviar a sua fome e dos seus. As perseguições convergiam especialmente para o pessoal ferroviário, que abandonou o trabalho por completo, num acto de pacifismo e nobreza, ao verem que as linhas estavam guardadas, pela força armada, comandada pelo célebre herói dos *Dembos*, o devorador dos pobres indígenas, capitão Ribeiro de Almeida, conhecido pelo *tarado* entre a população de Loanda.

## As viagens do régulo Norton ao interior do império. Como se preparam manifestações espontâneas...

A vida, naquela colónia onde se «erque» aos olhos ingenuos dos nativos a bandeira, o farrapo, o símbolo dos maiores crimes dessa desgraçada república que para ali se arrasta no esquecimento, logo político, está caríssima. Cada vez mais custosa e difícil de suportar se torna a administração política, financeira e económica. Tudo submerge no oceano confuso e incompreensível do acalafamento do imperador Norton.

O regulo do vasto continente africano exigindo o pagamento integral das suas férias.

A Federação está vigilante e recomenda a todos o cumprimento dos seus deveres sindicais, e reciprocamente a conquista dos seus direitos como operários dignos e conhecedores do seu valor social, não onuscando que os seus exploradores joguem com a sua miserável situação para satisfazer interesses escusos. — *A Federação*.

Enfim, é a esperada administração e governo de todos os que administram e governam as populações famintas, sem comissa, sem pão, sem lar, sem direitos, com deveres impostos com todo o rigor e com toda a severidade.

Está feita a apresentação de algumas das principais figuras, amanhã continuaremos este interessante romance.

Reúniram ontem novamente os operários das obras que pela imposição dos construtores paralizaram, presidido à sessão o camarada Carlos dos Santos, secretário por João Gomes e Carlos dos Santos. Sobre o assunto falaram os camaradas Manuel dos Santos, João Jorge, Coutinho, José Simões, Francisco Caramelo e Carvalho que verberaram indignadamente o procedimento dos proprietários e construtores pelo *lock-out* feito e não como protesto pela não aprovação dos projectos. O caminho a seguir em face desta situação criada pelos nossos inimigos será na sessão seguinte resolvido por todos os camaradas da indústria que foram convidados a reunir em sessão magna. Nessa sessão serão lidos documentos que demonstrarão que esses cavalheiros mentiram descaradamente.

Não havendo mais nada a tratar foi suspensa a sessão, para continuar hoje, pelas 20 horas, segundo o convite distribuído à indústria.

## A paralisação das obras da Construção Civil

São convidados todos os camaradas da indústria da Construção Civil, sem distinção de classes, a reunir hoje, quinta-feira, 16 do corrente, pelas 20 horas, na sede do Sindicato Unico na Calçada do Combro, 38-A, 2.º, a fim de fazer o caminho a seguir em face do *lock-out* preparado pelos proprietários, industriais e construtores civis.

Como foi noticiado, efectuou-se na terça-feira, na Secção do Povo do Bispo do Sindicato Unico Metalúrgico, uma sessão de protesto contra a carestia da vida, que esteve muito concorrida.

Falaram, entre outros, os camaradas Joaquim da Silva, pelo S. U. Metalúrgico; Manuel Ferreira, Guilherme Mesquita e José Gonçalves, sendo votada por unanimidade a moção seguinte:

Considerando que a situação da classe trabalhadora ante a carestia da vida é a mais aviltante e deprimente em face dos pequenos salários que suferem;

Considerando que uma situação desta ordem, não se pode prolongar por mais tempo, sem que a dignidade dos indivíduos que tem o direito à satisfação das suas necessidades;

Considerando que a classe trabalhadora compete agir energicamente a fim de pôr termo à actual avassaladora dos gananciosos do comércio e da finança;

Os trabalhadores do Povo do Bispo, reunidos em sessão de protesto contra a carestia da vida, resolvem:

1.º Dar todo o seu incondicional apoio a qualquer movimento que a organização central leve a efeito para conseguir normalizar a situação económica do proletariado em geral;

2.º Que os trabalhadores organizados desta localidade, impulsionem a U. S. O. à prática imediata desse movimento.

Leitor, é assinante de A BATALHA? Não? Pois deve assina-la para auxiliá-la a sua obra de propaganda das ideias que são úteis.

Os mestres e os seus, são os responsáveis. Por tanto, é a eles que vos deveis dirigir.

Os jornais e os seus, são os responsáveis. Por tanto, é a eles que vos deveis dirigir.

Os jornais e os seus, são os responsáveis. Por tanto, é a eles que vos deveis dirigir.

Os jornais e os seus, são os responsáveis. Por tanto, é a eles que vos deveis dirigir.

## A COMÉDIA BURGUESA

## As "forças do olho vivo" em... congresso

Nesta imundície moral dum fim duma época social que tudo contamina aterroradamente, todos se preocupam mais com interesses próprios do que da colectividade a que pertencem, mais dos fins pessoais do que do ideal impessoal, mais colectivo, que dizem impostoramente defender.

Todos se julgam muito mais espertos do que os outros e seus semelhantes; todos se sentem capazes de enganar, ludibriar os outros, sabendo ou pretendendo saber ocultamente os seus próprios, e às vezes, criminosos desígnios. Todos tentam fazer-se passar à vista dos outros pelo contrário do que são na realidade.

Potentemente, atrevidamente, com o maior cinismo, dizem, de *papo*, das suas honestas intenções, da sinceridade das suas palavras, da hialidade dos seus procedimentos, do desinteresse das suas acções, dos grandes serviços prestados à causa, à colectividade, à pátria.

Todos capricham em mascarar o seu torpe egoísmo, num altruismo, fácil, de hístório, espectacular, que deslumbre o ingénuo, o não precavido.

Mas... todos os espertalhões são profundamente... ingénuos... Não contam com os outros que são *sempre* tanto mais espertos do que eles, ou com aqueles que, sendo oficiais do mesmo ofício, possuindo o mesmo psiquismo, sabem por si próprios, o que querem dizer essas e outras falsárias afirmações, que eles também usam no seu ignóbil trato com os seus semelhantes.

Assim, os espertos, são como os que pintam o cabelo ou assim chinô não se enganam a si, nem enganam os outros. Esquecem-se desta verdade: de que por mais *saltois* e *jeuillies* que sejam as suas agudas espertezas, nunca conseguem ocultar completamente as raízes dos seus sentimentos grosseiros, dos seus pensamentos reservados.

Não vêm, na sua vaidade, de que a verdade aparece sempre, pelos largos poros da mentira e que basta uma simples observação ou análise sumária e comparativa entre os seus actos e as suas *dices* e prometedoras palavras para se sacrificar a intrinseca e descobrir quais são os determinantes, os motivos que o fazem falar e actuar.

Por muito esperto que seja na impropria arte de fingir, de ocultar o que se sente e pensa, sempre esses sentimentos e pensamentos reais deixam vestígios e se atraíam por um olhar, um gesto, uma palavra que escapa, ou por um acto que se pratica, ou, ainda quando se mantém uma obstinada defensiva, emudecendo, não se manifestando corajosamente, não dando a sua opinião claramente, afoitamente, com independência, não proferindo a palavra que se espera deles ou não praticando o acto que logicamente seria o corolário das suas palavras, das suas afirmações...

Covardemente, emprega então subtilidades de linguagem, subterfúgios mentais, frases ambíguas, sibilinas, ou ócas, que nada dizem, nada comprometem... O falso amigo censura ou elogia arquetizando frases impessoais que tanto pode ser uma como a outra coisa; que o tornam imune, isento de responsabilidade, invoca, qual judeu, a suspeita da sua *condição*. E se a situação é embaraçosa lança um *impedimento*...

E assim, todo o falsário, seja um simples falso amigo, seja um falso honesto, um falso apóstolo, um falso idealista, um falso companheiro ou camarada, por mais hábil que seja, deixa sempre atrás de si o rasto da sua desilusão, da sua insinceridade, da sua velhacaria, do seu comércio e indústria. Por mais palavras bonitas e sonoras que empregue, por mais frases e juramentos que proffira, por mais que bata no peito para provar às gentes a sua isenção, a sua honestidade, ele manifestará os seus fundos pódres facilmente, necessariamente, quando o interesse, o ganho, a vaidade, o orgulho, o despeito pessoal esteja em antagonismo, em contradição com o seu *melhor amigo*, com o seu companheiro, com o seu camarada, com o seu ideal, que *dizia* amar, venerar, adorar acima de tudo, com as suas ideias, com os seus princípios, (que não fins) e que *ele dizia* defender com a própria vida se um dia fosse preciso. E é então vê-lo, às cambalhotas, aos saltos para encobrir o seu charlatanismo que aparece às claras, sem máscara, sem impostorice, e transformar-se no mais encarniçado inimigo, no mais criminoso destruidor do seu *amado* ideal, das suas queridas ideias, dos seus incorruptíveis princípios, da sua colectividade...

Nunca um *esperto* enganou ninguém!

Quando *os oficiais do mesmo ofício*, também eles não induriam porque não há melhor julgador do que aquele que por si, pelos seus actos que pratica aprecia os alheios. Estes o que fazem, é fingir acreditar no que eles também fingiam que os acreditam. Estes fazem córa, fazem parede, fazem *claque* com a mentira alheia para que a mentira própria seja lida como a maior das verdades.

Mas no íntimo, quando estão fora do palco da vida, quando estão por detrás dos bastidores, balcão, riem-se, troçam-se, e, no meio duma gargalhada cínica *largam* *piadas* uns aos outros, chufas a respeito das patifarias e velhacarias cometidas no exercício das mais honradas vidas e profissões!

Observem-se as conversas íntimas dos políticos, dos

padres, dos juízes, dos professores, dos jornalistas, dos comerciantes, dos industriais, dos financeiros, etc. quando não prevenidos de que as paredes tem ouvidos, e estão à vontade, narram as arimanhas, as façanhas, as intrinsecas que cometem ou cometeram. Os políticos riem dos programas, dos discursos, das promessas que tem feito, como a do bacalhau a quatro vinténs, das sofismas *políticas*, das campanhas e dos insultos que a uns e outros tem vindo para agradarem à galeria. Os padres, quando juntos na sacristia, riem alvarmente dos carapêdes que metem nas cabeças ensandecidas das beatas e das ingenuidades fanáticas de pedidos de remédios para os pecados da... carne.

Os professores, ao ouvirem focar a campanha para as aulas, declaram, bocejando: «vamos lá actuar mais esta chatiche»; e outros repetem em diferentes tons, como um eco, a frase do célebre Calisto, da Universidade de Coimbra: «vamos lá intrujar os caloiros!».

Os jornalistas acham imensa graça à imoralidade das suas campanhas de moralidades e, às mesas dos cafés r. jubilam *piadas* com que por vingança enlaameam e charbeiam «o nosso querido amigo F...». Os juízes e toda a gentilha do foro chacotam e contam anedotas célebres acerca das respectivas chicanas, dos seus sofismas de hermenêutica jurídica, em que deturpam sciente e conscientemente os textos legais, fazendo do Direito um retorcido chifre.

Os *homens de negócios* escarnecem, nas suas confissões íntimas, da miséria do desgraçado papalvo a quem tiveram artes de enganar, e de impingir vendendo um pedaço de presunto pódre, um quilograma de batatas em que faltava 250 gramas, uma fazenda manchada, um par de botas de cartão pelo preço dum vitela, um remédio por mais dez vezes do preço que vem na tabela, etc, etc.

E assim os aventureiros, os que furam, os *arrivistas*, narram cínicamente as suas façanhas e intrigas para se manterem no lugar que ocupam, ou como galgaram até à posição social que incompetente e desonestamente ocupam na colectividade.

Todos estes... *honradíssimos* cavalheiros sustentam-se, uns aos outros, conservando, publicamente, à força da mentira própria e da covardia alheia, uma falsa aparência de grandes honestíssimas pessoas, que só cuidam do bem estar dos seus semelhantes, do bem da sociedade, da colectividade, e da... pátria.

E sem nunca abdicarem da sua vaidade e interesses, fazem gala dos seus presumidos e assaz duvidosos «grandes sacrificios» que fazem, fizeram e estão prontos (é o estás!) a fazer. «A hora de sacrificios...» para os outros. «O momento é de cada qual limitar os seus interesses particulares...» menos os *dêles*. «Todos (menos *dêles*) devem sacrificar os seus interesses particulares perante o altar da... pátria!».

E ei-los, todos, novamente a representar! Sim, representar! Porque nesta sociedade, a *comédia burguesa* é representada por toda a parte, por todos os cantos e a toda a hora, e, até, mesmo, onde ela nunca deveria entrar...

E essa comédia tem agora mais uma representação. E na cidade de Coimbra e intitulase «2.º Congresso das Forças do Olho Vivo».

A hora em que escrevemos estas linhas ainda não sabemos quais os seus resultados... para a sociedade.

Mas pelos autores e personagens que intervêm podemos afirmar que é mais um *bluff*, uma farça, uma mentira em que se fala do bem geral, para *sómente* defender a gamela de cada qual, em que a palavra «sacrifício» balança na boca de todos os congressistas, mas que abafará o sarcástico e zombeteiro riso de quem com ela mascara os seus mais vivos interesses.

E se não são comediantes, e querem realmente *sacrificar-se* pela causa pública aproveitem e *praticquem* desde já e sem *sofismas* estes dois alvíres respeitantes aos dois problemas que no momento actual assilham a vida do povo português:

1.º — Limitar todos os seus lucros a 10 % ao ano. Todos os industriais, comerciantes, financeiros, etc., comprometem-se a lançar apenas a taxa de 10 % sobre todos os seus negócios e assim reduzir o torturante encarecimento da vida.

2.º — Todos os juristas, possuidores do papel da divida externa (em que há muitíssimos mais portugueses do que se pensa) declaram prescindir de que os juros dessa divida sejam pagos em ouro, ou aciteam (visto que a maioria se não a totalidade, tem outras fontes de rendimento) uma moratória até que o câmbio esteja normalizado; — a fim de evitar a jogatina a que podemos chamar *ciclo da morte* e em que o jurista português recebe do estado como juro, o ouro, o ouro que lhe vendeu como financeiro para lhe pagar esse juro.

O estado compra caríssimo o ouro ao financeiro-jurista para lhe pagar o juro; o jurista-financeiro traz esse mesmo ouro para os seus cofres, para o tornar a vender caríssimo ao estado na época de novo pagamento do juro, e assim neste vai e vem, o agiota enriquece, o estado lança-nos impostos e nós... morremos de fome!

E vivam as forças do olho vivo, assistidas, amamentadas, e elogiadas pelos srs. ministros, dignos representantes de...

S. Ex.ª.

## Notas e Comentários

**Asneiras** O conflito existente entre a C. G. T. e a F. C. C. tem servido de pretexto para muita gente dizer asneiras. Coubem ontem a vez ao sr. Alfredo Frouco, numa entrevista que concedeu à *Imprensa da Manhã*.

**Abundância de Aumento de produção** para dia a produção de versos em Portugal. Sobre a nossa banca de trabalho muitos volumes dêles tem caído. Caíram os mais outros volume — *Lampejos e Sombros* de Antonio de Aragão Paiva. A ele se referirá oportunamente o nosso crítico literário. Abençoada produção poética numa época de tam grande falta de produção!

**Juízo e poucas falas...** O *Seculo* de ontem publicava os retratos de todos os políticos que tem assento no parlamento. Acompanhava as gravuras um artigo em que se pedia aos parlamentares juízo e poucas falas. Os parlamentares, porém, disseram consigo que não era para ter juízo e poucas falas que iam ao parlamento.

**Encantadas com Leonardo Coimbra** anda por terras de Espanha a receber aplausos. Foi recebido pelo reitor quem conversou largamente sobre literatura. Diz um telegrama do *Seculo* que Leonardo disse acerca de Kant coisas tam lindas a várias senhoras que ficaram encantadas. Pudera, quem

não há-de ficar «encantado» após uma injeção de Kant?..

**O teto cá** Quando os deputados monárquicos davam entrada no parlamento, uma parte do teto do edifício abateu. Procuram-se as causas de tam estranha resolução tomada pelo teto e não se encontraram. Ha, entre tanto, opiniões. Alguém disse que as asneiras que os monárquicos não de proferir serão tam grandes que até o teto cá em sinal de protesto. Isso não impedirá, porém, que a asneira continue a ecoar impune na sala das sessões. Resta-nos a consolidação de que depois do teto cair, o terra há de tremer...

**Onde jantar?** Reabriu ontem o antigo café Tavares, conhecido vulgarmente pelo Tavares Rico. Este restaurante é dos mais «chics», dos mais elegantes. Disseram-nos que após as obras ultimamente feitas ficou admirável de luxo e de conforto. Os preços das refeições são caros, caríssimos, como convém aos seus «chics» frequentadores. Disseram-nos tudo isto ontem à tarde, à hora de jantar, quando o nosso estômago reclamava insistentemente agasalho. E ficamos hesitantes durante um bom pedaço sem saber-mos onde ir jantar. Ao Tavares Rico? Ao João do Grão? Por uma questão de desfastio optámos por este último...

**LEDE** A *Novela Vermelha*

A *Novela Vermelha*



# A BATALHA AS GREVES

## C. G. T.

### Conselho Confederal

Com a mesa composta por Artur Alcino de Oliveira, Augusto Duarte e Artur Inácio, o Conselho Confederal, no expediente foram lidos os ofícios da F. L. J. e U. S. O., de Olhão, o primeiro nomeando o camarada Delim de Sousa Pinheiro, em substituição do camarada Alexandre Vieira, enquanto se encontrava doente; e o segundo, nomeando o camarada Manuel de Figueiredo, como delegado adjunto, e comunicando que valia a favor de um movimento contra a vida cara.

#### Alexandre Vieira

Foi lida uma extensa carta do camarada Alexandre Vieira, enviada do Sanatório da Guarda, na qual comunica que achando-se consideravelmente melhor, pelo que se encontra, todavia em condições de não poder desempenhar o seu lugar na redacção de A Batalha.

Vários delegados se pronunciaram pessoalmente pelo facto, tanto mais quanto é certo haver falta de militantes habilitados a desempenhar os vários cargos dentro da organização sindical. Por último foi resolvido que o secretário geral continue à frente da redacção de A Batalha até que o camarada Alexandre Vieira recorra definitivamente a Lisboa; para depois se resolver o assunto definitivamente, sendo nomeado o camarada João Humberto Matias como secretário adjunto, a fim de auxiliar o secretário geral nos trabalhos confederais, visto este ter agora a seu cargo um duplo trabalho.

#### As reclamações da U. S. O. do Porto

São em seguida lidas as moções que foram aprovadas no comício do proletariado do Porto, promovido pela U. S. O. daquela cidade.

Depois de breves apreciações por parte de vários delegados foi resolvido que as referidas moções baixassem às Secções das Unões e Federações, a fim de as estudarem e dar-lhes execução.

#### Os documentos trocados entre a C. G. T. e a F. N. C.

O secretário geral comunica que os camaradas que abandonaram momentaneamente a F. N. C. C., em virtude daquele organismo tomar as deliberações já conhecidas, o procuraram com o fim de que a publicação dos documentos trocados ficasse suspensa, visto a questão que havia determinado a resolução do Conselho Confederal estar em vias de solução satisfatória.

Como se sabe, a C. G. T. já tem conveniência em que a questão se resolva com dignidade, mas rapidamente, accedendo, esperando que o Conselho resolva definitivamente.

João P. dos Santos está de acordo, pois a seu ver é bom que o caso fique arrumado dum vez para sempre, não desejando que fique bem definida a situação da C. G. T.

Outros delegados se manifestam no mesmo sentido, concordando em que a C. G. T. não tomou a resolução já conhecida, não com o fim de esclarecer a organização sindical que, longe da capital, ignorava os motivos fortes que este organismo possuía para tomar a deliberação que tomou.

E, portanto, aprovado que a publicação dos documentos fique suspensa até que a F. N. C. C. se pronuncie definitivamente.

#### As 8 horas

Fausto Gonçalves expõe ao Conselho o que a Federação dos Empregados no Comércio pensa sobre o horário de 8 horas e o descanso semanal. Nesse sentido apresenta a seguinte moção:

Considerando que a lei das 8 horas de trabalho está sendo escandalosamente transgredida em todo o país, tanto pela parte dos comerciantes como dos industriais;

Considerando que semelhantes atropelos constituem uma afronta às classes produtoras;

Considerando que as autoridades não se tem preocupado com as arbitrariedades cometidas diariamente;

Considerando que compete à C. G. T. zelar pelos interesses e regalias da classe operária, o Conselho Confederal resolve:

1.º Promover um movimento nacional com o fim de agitar as classes operárias com o fim de se conseguir que o horário de 8 horas seja cumprido, tanto para o comércio, como para a indústria;

2.º Que para se conseguir aquele objectivo se vá até onde as circunstâncias o exigirem;

M. J. de Sousa diz que a tal respeito tem já reunido vários elementos para da questão tratar em A Batalha, em resposta mesmo a vários ataques que a imprensa patronal vem fazendo ao horário das 8 horas.

Lembra as resoluções já tomadas pelo C. G. T. e as asfismas de que se utilizam os industriais para que esse horário não seja cumprido, sofismas que estão dentro da lei que sobre o assunto foi decretada e que ninguém cumpre, com o beneplácito do próprio Estado. Entende, portanto, que tudo quanto se haja de fazer deve ser no sentido de as próprias classes interessadas imporem pelo seu esforço próprio o cumprimento das 8 horas.

Outros delegados se manifestam no mesmo sentido, sendo a moção aprovada.

#### O auxílio aos russos

E em seguida apreciado o ofício do Comité Internacional pró-famintos russos, no qual é lembrada a conveniência de ser nomeada uma comissão composta de delegados da C. G. T., partidos socialistas e comunistas e elementos da burguesia liberal. E também lido um ofício do P. C. P. comunicando ter já indignado os elementos para a constituição da referida comissão.

Carlos Freire, concorda com todos os incitamentos a favor dos actos de solidariedade, não só a favor dos famintos russos, mas também dos famintos de Cabo Verde, etc. Mas neste momen-

to afugura-se-lhe que o que é mais necessário é acudir à situação de A Batalha e às circunstâncias em que a própria organização se encontra. Para atenuar o enorme deficit de A Batalha tem que se cubrir quanto antes com auxílio urgente, e é para esta situação que é necessário olhar urgentemente.

João de Sousa acha que o apelo é simpático, mas, entende que, tendo-se feito já um, o de agora não tem os desejados resultados. Lembra que tem havido dificuldade em se conseguir o necessário auxílio para dois prestimosos camaradas doentes, devendo-se em todo o caso olhar à situação do que se passa no interior do país.

Manuel de Figueiredo diz que o auxílio aos russos é mais uma propaganda pró-Rússia do que propriamente um auxílio e porque assim o compreendem os revolucionários da Argentina. E que declararam que se algum auxílio prestassem aos russos, quando esse auxílio lá chegasse já eles estariam mortos. Contudo é de opinião que talvez alguma coisa mais se poderá fazer.

M. J. de Sousa diz que antes de o apelo chegar do Comité Internacional já a C. G. T. portuguesa o lançou à organização, tendo-se conseguido o mesmo o que se desejava—sobretudo por um reduzido número de sindicatos.

Estava já assinado o armistício. Fomos todos presos para um quadrado de arame farpado. Passamos frio e fome indescritíveis, até que viemos para Portugal.

Havia três anos que eu não via a minha família. Não podia mais. Matava-me o sofrimento e a saudade. Quando julguei que iam libertar-me quisera meter-me na penitenciária. Fugí. Eu não tinha feito mal nenhum e não podia admitir que me prendessem sem ver a família.

Os outros meus colegas lá foram, e já estão em liberdade. Eu fui novamente preso em Dezembro do ano passado, e aqui estou, não obstante o decreto publicado em 5 de Outubro me ter anistiado.

Qual é a minha situação, e porque estou preso? Ninguém sabe, nem mesmo o comandante daqui. Do ministério da guerra ninguém me responde.

Fugí, é verdade, para que não me prendessem inocentemente, para não sofrer mais do que tinha já sofrido. Mas ainda que isto fosse um grande crime, por que me conservam preso tendo sido anistiado outros em piores condições?

Pego-lhe, sr. redactor, a publicação desta carta, para conhecimento de quem tem a responsabilidade desta minha situação, e o dever de lhe pôr termo.

João Gomes Tóuquinho.

Artur Inácio concorda com as opiniões expostas e nessa conformidade apresenta a seguinte moção, que é unanimemente aprovada:

Considerando que a finalidade e o critério da C. G. T. não lhe permite ter ligações algumas com quaisquer partidos políticos;

Considerando que a C. G. T. já iniciou em Portugal a subscrição a favor dos famintos russos e que no mesmo sentido deverá proceder de futuro, para que o auxílio da organização sindical e dos trabalhadores portugueses não seja tão precário;

Considerando que é mais urgente robustecer a situação financeira de A Batalha sem o que nem a propaganda, a favor dos famintos russos se poderá realizar;

Considerando no entanto que se deve prestar concurso e assistência à obra filantrópica a favor dos famintos russos;

O Conselho Confederal resolve:

1.º Continuar como o apelo a favor dos famintos russos tal como o iniciou, sem colaborar com quaisquer partidos políticos;

2.º Colocar as colunas do seu órgão na imprensa, A Batalha, à disposição de quem quer que seja para a propaganda a favor daquela causa;

3.º Afirmar a necessidade de por agora se procurar o indispensável auxílio material a favor de A Batalha;

4.º Enviar para o Comité Internacional a favor dos famintos russos as quantias já recolhidas pela C. G. T. e as quantias que de futuro venha a recolher.

O Conselho Confederal resolve:

1.º Continuar como o apelo a favor dos famintos russos tal como o iniciou, sem colaborar com quaisquer partidos políticos;

2.º Colocar as colunas do seu órgão na imprensa, A Batalha, à disposição de quem quer que seja para a propaganda a favor daquela causa;

3.º Afirmar a necessidade de por agora se procurar o indispensável auxílio material a favor de A Batalha;

4.º Enviar para o Comité Internacional a favor dos famintos russos as quantias já recolhidas pela C. G. T. e as quantias que de futuro venha a recolher.

O Conselho Confederal resolve:

1.º Continuar como o apelo a favor dos famintos russos tal como o iniciou, sem colaborar com quaisquer partidos políticos;

2.º Colocar as colunas do seu órgão na imprensa, A Batalha, à disposição de quem quer que seja para a propaganda a favor daquela causa;

3.º Afirmar a necessidade de por agora se procurar o indispensável auxílio material a favor de A Batalha;

4.º Enviar para o Comité Internacional a favor dos famintos russos as quantias já recolhidas pela C. G. T. e as quantias que de futuro venha a recolher.

O Conselho Confederal resolve:

1.º Continuar como o apelo a favor dos famintos russos tal como o iniciou, sem colaborar com quaisquer partidos políticos;

2.º Colocar as colunas do seu órgão na imprensa, A Batalha, à disposição de quem quer que seja para a propaganda a favor daquela causa;

3.º Afirmar a necessidade de por agora se procurar o indispensável auxílio material a favor de A Batalha;

4.º Enviar para o Comité Internacional a favor dos famintos russos as quantias já recolhidas pela C. G. T. e as quantias que de futuro venha a recolher.

O Conselho Confederal resolve:

1.º Continuar como o apelo a favor dos famintos russos tal como o iniciou, sem colaborar com quaisquer partidos políticos;

2.º Colocar as colunas do seu órgão na imprensa, A Batalha, à disposição de quem quer que seja para a propaganda a favor daquela causa;

3.º Afirmar a necessidade de por agora se procurar o indispensável auxílio material a favor de A Batalha;

4.º Enviar para o Comité Internacional a favor dos famintos russos as quantias já recolhidas pela C. G. T. e as quantias que de futuro venha a recolher.

## COLISEU DOS RECREIOS

Hoje-A's 20,45 (8 3/4)-Hoje

### ESTREIA

da intrépida e arrojada artista

gineasta

### Mlle. GUERRE

cujo trabalho é sensacional e arriscadíssimo

Todas as novidades e atracções

da

### Grande Companhia de Circo

### Carnaval

4 magníficos espectáculos 4

2 grandiosos bailes 2

bilhetes à venda

## Como a pátria contempla

De João Gomes Tóuquinho, soldado motociclista n.º 505 da 2.ª companhia do regimento de infantaria 4, de Faro, preso no respectivo quartel, recebemos uma extensa carta da qual extratamos os seguintes períodos:

«Sentei praça em 1916 e fui requisitado para serviço de automóveis na guerra.

Um dia estava eu de guarda, com mais oito camaradas, a um comboio de automóveis e faltou a um deles um magento.

Estava já assinado o armistício. Fomos todos presos para um quadrado de arame farpado. Passamos frio e fome indescritíveis, até que viemos para Portugal.

Havia três anos que eu não via a minha família. Não podia mais. Matava-me o sofrimento e a saudade. Quando julguei que iam libertar-me quisera meter-me na penitenciária. Fugí. Eu não tinha feito mal nenhum e não podia admitir que me prendessem sem ver a família.

Os outros meus colegas lá foram, e já estão em liberdade. Eu fui novamente preso em Dezembro do ano passado, e aqui estou, não obstante o decreto publicado em 5 de Outubro me ter anistiado.

Qual é a minha situação, e porque estou preso? Ninguém sabe, nem mesmo o comandante daqui. Do ministério da guerra ninguém me responde.

Fugí, é verdade, para que não me prendessem inocentemente, para não sofrer mais do que tinha já sofrido. Mas ainda que isto fosse um grande crime, por que me conservam preso tendo sido anistiado outros em piores condições?

Pego-lhe, sr. redactor, a publicação desta carta, para conhecimento de quem tem a responsabilidade desta minha situação, e o dever de lhe pôr termo.

João Gomes Tóuquinho.

Artur Inácio concorda com as opiniões expostas e nessa conformidade apresenta a seguinte moção, que é unanimemente aprovada:

Considerando que a finalidade e o critério da C. G. T. não lhe permite ter ligações algumas com quaisquer partidos políticos;

Considerando que a C. G. T. já iniciou em Portugal a subscrição a favor dos famintos russos e que no mesmo sentido deverá proceder de futuro, para que o auxílio da organização sindical e dos trabalhadores portugueses não seja tão precário;

Considerando que é mais urgente robustecer a situação financeira de A Batalha sem o que nem a propaganda, a favor dos famintos russos se poderá realizar;

Considerando no entanto que se deve prestar concurso e assistência à obra filantrópica a favor dos famintos russos;

O Conselho Confederal resolve:

1.º Continuar como o apelo a favor dos famintos russos tal como o iniciou, sem colaborar com quaisquer partidos políticos;

2.º Colocar as colunas do seu órgão na imprensa, A Batalha, à disposição de quem quer que seja para a propaganda a favor daquela causa;

3.º Afirmar a necessidade de por agora se procurar o indispensável auxílio material a favor de A Batalha;

4.º Enviar para o Comité Internacional a favor dos famintos russos as quantias já recolhidas pela C. G. T. e as quantias que de futuro venha a recolher.

O Conselho Confederal resolve:

1.º Continuar como o apelo a favor dos famintos russos tal como o iniciou, sem colaborar com quaisquer partidos políticos;

2.º Colocar as colunas do seu órgão na imprensa, A Batalha, à disposição de quem quer que seja para a propaganda a favor daquela causa;

3.º Afirmar a necessidade de por agora se procurar o indispensável auxílio material a favor de A Batalha;

4.º Enviar para o Comité Internacional a favor dos famintos russos as quantias já recolhidas pela C. G. T. e as quantias que de futuro venha a recolher.

O Conselho Confederal resolve:

1.º Continuar como o apelo a favor dos famintos russos tal como o iniciou, sem colaborar com quaisquer partidos políticos;

2.º Colocar as colunas do seu órgão na imprensa, A Batalha, à disposição de quem quer que seja para a propaganda a favor daquela causa;

3.º Afirmar a necessidade de por agora se procurar o indispensável auxílio material a favor de A Batalha;

4.º Enviar para o Comité Internacional a favor dos famintos russos as quantias já recolhidas pela C. G. T. e as quantias que de futuro venha a recolher.

O Conselho Confederal resolve:

1.º Continuar como o apelo a favor dos famintos russos tal como o iniciou, sem colaborar com quaisquer partidos políticos;

2.º Colocar as colunas do seu órgão na imprensa, A Batalha, à disposição de quem quer que seja para a propaganda a favor daquela causa;

3.º Afirmar a necessidade de por agora se procurar o indispensável auxílio material a favor de A Batalha;

4.º Enviar para o Comité Internacional a favor dos famintos russos as quantias já recolhidas pela C. G. T. e as quantias que de futuro venha a recolher.

O Conselho Confederal resolve:

1.º Continuar como o apelo a favor dos famintos russos tal como o iniciou, sem colaborar com quaisquer partidos políticos;

### As classes marítimas e a greve

Não é da minha competência falar em assuntos desta conformidade, olhando a que se encontram na pleiade dos oficiais da marinha mercante, classe a que bem me orgulho pertencer, creatura que sobejamente conhecem e sabem discutir assuntos desta ordem.

Porém, como o momento é grave, e entenda necessário haver alguém que saiba e possa defender de frente erguida os humildes, aqueles que são habituados a abandonar o lar, onde lhes fica muitas vezes algumas migalhas insuficientes para o parco alimento da vida dos que lhes pertencem, eis por que ouso vir a lume com algumas verdades que todos devem sentir com mástus. Foi sempre a classe marítima em Portugal, posta à margem por quem de direito lhes pertencia defendê-la, para bem do comércio do país. Foi sempre a classe marítima dispensada do carinho de toda a gente, sem que ninguém medisse nos sacrifícios da vida do mar, que tantas vidas em leilão nas lutas gigantes de Neptuno.

E afinal para quê? Para quê ao receber a soldada possam morrer com fome? Foi outr'hora, no tempo em que poucos navios portugueses sigravam os mares do mundo inteiro, que a classe marítima contava mais ou menos com o pouco pão de cada dia.

Fez-se a guerra. Surgiram as ambições. Apoderamo-nos de subitão de 72 navios alemães e austríacos, e a classe tornou-se mais numerosa. A princípio, com essa precipitação dentro dos T. M. E. acumularam-se fortunas, enriqueceram homens, etc, etc, e a tripulação ia tendo certos os seus salários na devida data. O tempo correu, as traficâncias cresceram, e o progresso dos T. M. E. deu numa abundância tal que foi colocar pelas casas de p. nhores da capital os nomes de centenas de marítimos e suas famílias, porque não recebiam as soldadas nas datas legais, isto devido às transacções administrativas dos T. M. E. terem deixado tudo na maior incuria, criando embaraços difíceis à actual administração que tem alguns bons elementos e querido conseguir recuperar os prejuízos que já encontraram.

Todavia, vamos ao que mais interessa. Tem as classes marítimas do longo curso, vencimentos tão diminutos que não lhes pode chegar para viver sem dívidas e fronte erguida. Um moço, em criado tem a soldada mensal de 95 escudos, um chegado 100 escudos, um fogueiro, 110 escudos e marinheiros, 105 escudos, etc., etc.

Todos conhecem a crise actual. Também é do domínio de todos a carestia da vida. Quasi todos estes tripulantes tem família a sustentar, e eu, posso asseverar, que para o momento, não são estas soldadas suficientes, para se poder viver, a não ser com o auxílio dos últimos farrapos que vão acumulando nas casas de penhores.

As classes em questão reuniram, pensaram no caso e procuraram os armadores a fim de que lhes fossem aumentadas as soldadas e razões respectivas para mais 70 escudos e 70 centavos nas razões, bem entendido. Os senhores armadores acharam que era suficiente o que então ganhavam, declarando não angustiar, resultando a greve. No dia 9 do corrente, vieram todos para a rua, abandonando os navios, as ordens do comité, e o caso encontra-se sem solução.

Porém a luta está feita. Da Liga dos Oficiais da Marinha Mercante reunida, declarando como bons portugueses e corações abertos à desgraça dos que sofrem, que não abandonavam os navios, e não se iam para o mar a fim de não serem com os da classe civil em greve, pois são, esses, e tem sido, os homens que nos têm acompanhado e sabido honrar o mister que cada qual possui. E este será o caminho da vitória que as classes anseiam!

Que as classes não se julguem desamparadas, porque em breve após a luta vencida, já terá cada um em suas casas mais um bocadinho de pão, e oxalá que saibam manter na melhor ordem como até aqui, para que toda a gente saiba vencer com respeito às classes marítimas e para o bom nome do pavilhão português que tremula à popa dos nossos navios, e ainda da marinha mercante nacional. — Mantas Massana.

NOTA OFICIOSA

Camaradas: o vosso Comité comunica-vos que é destituida de fundamento uma local inserida no jornal «Diário de Notícias», que diz ter sido frizado pelas comissões, nas reuniões ante-ontem realizadas que os T. M. E. e C. N. N. se encontram irreconciliáveis com respeito às nossas reclamações. Tal notícia é menos verdadeira, visto que, até à hora das sessões ante-ontem realizadas, não se tinha comissão alguma, dimanada deste Comité, único representante das classes em greve, entrevistado com quaisquer armadores. No mesmo jornal vem inserir uma nota official, dos T. M. E., em que este organismo afirma não ter intervenido nesse assunto, apenas esperando as resoluções a que se chegar, para aceitar as condições da praça, o que demonstra que não as companhias particulares, que não se encontram em disposição de transigir.

Tudo isto, camaradas, o vosso Comité tem ponderado, concluindo que há em tudo isto um jogo de interesses, por parte dos que tem sido os sugadores do sangue nosso e de nossas famílias, jogo que este Comité não está na disposição do que se faça com a colaboração das classes em luta. Camaradas: o vosso Comité enviou ontem uma comissão, que teve uma entrevista com um dos directores da C. N. N., em que o mesmo sr. propunha que o pessoal retomassem o trabalho nos navios da mesma Companhia, comprometendo-se a satisfazer todas as cláusulas — a que se chegasse no acordo com os outros armadores.

Em igual sentido nos procurou o carregador sr. João Eugénio de Amorim, que também se propunha satisfazer as cláusulas a que se chegasse, a começar na declaração de greve. Submetidas estas propostas à apreciação do Comité, o mesmo, cumprindo com a cláusula 6.ª aprovada nas sessões das classes, entendeu declarar a estes se-

nhores que qualquer pessoal só retornaria o trabalho desde que as nossas reclamações fossem satisfeitas integralmente por todos os armadores. Portanto, camaradas, continuai mantendo a mesma união que tendes mantido até à data; pois por todas as razões está demonstrado, que a ocasião da vitória não está longe.

De Leixões, com respeito ao vapor «Porto» tem este Comité recebido notícias, segundo as quais se encontra todo o pessoal na atitude de não matricular; aderiram à mesma resolução todos os maquinistas, exceptuando o 1.º que se manteve neutro. Também é do conhecimento do vosso Comité que o mesmo navio necessita de carvão, o que o força a vir a Lisboa.

O vosso Comité, continua avisando todo o pessoal das 3 classes, de que qualquer indivíduo que por ventura traia o movimento, sofrerá as consequências já por nós declaradas. Foi também comunicado ao Comité de que a bordo do vapor «Leixões», se encontrava um tripulante em serviço.

Enviada uma comissão, a mesma encontrou um indivíduo que declarou ser catraieiro, e que ali se encontrava por não poder morrer de fome; julga este comité não ser tal indivíduo catraieiro, mas talvez um dos «filhos da noite» pois que entre os catraieiros, não devem existir indivíduos pouco conscientes, que se prestem a furar o movimento dos seus camaradas marítimos. Fazemos esta declaração para que esse indivíduo seja por todos conhecido.

Camaradas avante pelas nossas reclamações!

Viva a greve das classes marítimas! Viva a organização operária mundial. — O Comité.

### Maquinistas fluviais

NOTA OFICIOSA

Camaradas: O comité congratula-se pela forma unânime com a qual os armadores, com a sua forma disparata, julgaram levar-nos de vencida, no que se enganaram, e assim sabemos já que não querendo reconhecer-nos como associados, a tal são forçados, porque nos temos sabido manter muito unidos e num só critério.

Pois bem camaradas, já que assim é demonstramos sempre que queremos e sabemos querer; portanto aguardai com serenidade e preservação, como até agora, porque venceremos, apesar de toda a vontade em contrário. As comissões incumbidas de vários trabalhos por este comité, que estejam atentas e não desonrem do que há para mais e melhor alcançarmos o que de direito nos pertence, porque quem tem bem se tem sabido manter como nós, sempre tem conseguido completa vitória. Por isso, mais uma vez vos dizemos que saber esperar é estarmos convenientes de que a vitória será nossa, e assim esperemos o que os armadores farão hoje, para então outras resoluções se tomarem; e até lá, sempre avante.

Viva a nossa greve! Viva a greve dos marítimos de longo curso! Vivam os trabalhadores de todo o mundo! Viva A Batalha, órgão que todos os camaradas devem ler, por ser ele quem das nossas questões trata com amor e carinho. — O Comité.

### Calafates de Portimão

Há quasi dois meses que se encontram em greve os calafates da casa Fialho, de Portimão. Os grevistas tem-se mantido unidos, estando dispostos a não retomar o trabalho sem serem atendidos as suas reclamações.

Tudo tem sido posto em prática para os esmagar, para os forçar a retomar o trabalho aceitando o magro salário de cinco escudos e cinquenta centavos. Porém todas as intrigas, tódas as ameaças, todos os trucos tem resultado inúteis.

Do fim de quinze dias de luta foram contratados em Vila do Conde pelo mestre do referido estaleiro, Joaquim Pedro de Sousa, a alma negra do movimento, 11 camaradas que chegando a Portimão ao sabermos o infame papel que tinham a desempenhar, se recusaram altivamente.

Declaramos que eram operários conscientes e sindicados e que por isso se não prestariam a traíção ao justo movimento dos seus camaradas de Portimão.

Como passaram 13 dias não conseguiram desmover essas camaradas da sua nobre atitude tiveram de mandá-las para Vila do Conde. Mas tiveram de lhes pagar as passagens, salários e outras despesas. No entanto preferem desperdiçar dinheiro sem utilidade, sofrerem os enormes prejuízos que a paralisação do estaleiro lhes está acarretando a satisfazer as justas reclamações dos grevistas.

### Corticeiros de Grandola

GRANDOLA, 14-C. — Reuniram em assembleia magna os corticeiros de Grandola para apreciar as respostas dos industriais às reclamações no ofício enviado pelo Sindicato Corticeira.

Presidiu o camarada Alfredo Rosa secretariado por Francisco Silvestre e Lucio Feio.

Usou da palavra o camarada Vera Comissionado que expôs à assembleia as respostas dos industriais. Foi aprovada por unanimidade a declaração da greve nas fábricas que recusaram atender as reclamações do pessoal.

Foi apreciado o despedimento dos quadros de Jacinto Ventura & C. que alegaram não ter dinheiro para pagar as fer, ao sábado em que tiveram de dar o aumento.

Nenhuma camarada corticeira deve ir trabalhar para Grandola, sem prévio aviso da secção corticeira.

### Desastre

De Algeis seguiam ontem em direcção a Carnaxide numa charrete, José Fernandes de 45 anos



# A BATALHA no Porto

## CRÓNICA

**As esmolas e as comemorações — A polícia, ontem, foi muito generosa e diverte-se bem — Esperem-lhe pela volta**

Ontem passou mais um aniversário da queda da monarquia do Monte Pedral, em que Paula Conceição, fundadora do célebre Império da Tralutânia, pontificou e celebrou-se pelas suas façanhas de tiranias, roubos e mortes.

A celebração da reimplantação da República no norte quasi que ficava despercebida se não fosse, de quando em vez, o virem-se as portas detonações dos morteiros que estouravam no ar. Os funcionários públicos, sempre à espera dos dias de grande gala, aproveitaram-se da tolerância do ponto, para passearem, sorridentes, a lenda de sol. O operariado, porém, apesar de ter contribuído com o seu esforço humano para que o conselheiro bárbaro dos Solaris tombasse no vórtice da derrocada, não abandonou o trabalho, indiferente a tudo, porque reconhece que a sua acção não foi tomada em linha de conta e que foi a transformação do cenário político nesta cidade apenas aproveitaram uns poucos desconhecidos, que tiveram a ousadia de vulgarizarem e de se salientarem nas elevadas esferas dos mandalários supremos.

Por cair em desuso, não se efectuou o arcaico cortejo cívico. Somente as esquadrões policiais, onde muitos graduados lucram com o 13 de Fevereiro, embandeiraram em arco. Espantaram ao sol as teias de aranha das suas irregularidades e prepotências; alteraram o hábito bafento das suas salas, a transarandem boçalidade e indelicadeza, com o aroma agradável dos arbustos festivos; taparam cuidadosamente o aspecto tirânico da repartição com os galhardetes alagados aos bandeirantes; e cometeram, s.bretudo, este enorme e paradoxo: saudaram a Liberdade, com música e foguetes, iluminações e pingas, quando elas são destinadas à perpetuação violenta de todas as fórmulas de opressão detestáveis!

Como, afinal, a República não procura fazer do país um vasto recinto onde habitem cidadãos livres com direito à vida, ao pão, mas simplesmente um imenso campo de pedintes, mendigos, roubados, lançados à triste sorte de desejar, que todos os dias sejam de festa para receberem a problemática cólca da esmola chorada — a polícia, muito respeitadora dos bons costumes, também deu um bôdo aos pobres, com uma generosidade para admirar, para espantar, para estarrecer...

A polícia é uma fera em cima das prostitutas que uma sociedade infame desenvolve; multa-as a propósito e as vezes, de tudo e de nada, as vezes, duas, às vezes três vezes mais tarde ou mais cedo, vendendo o seu corpo, desgraçadamente, para engordar o cofre público; implacavelmente pune o vendedor ambulante, ou o que, carregado, vai por cima do passeio, quando, em boa razão, tinha mais direito a isso, do que o que caminha de mãos espanadas a fazer avenida; enfim, ela, sempre fajeante e vasculhadora, anda atrás do que chama falsas para tirar do bolso do viandante o dinheiro que as bulhas, termos e coisas parecidas exigem e impõem.

Mas ontem foi caridosa, benevolente, reparadora... Distribuiu esmolas à farta, fez figura bonita; deixou falar as turbas fardadas, percorreu a cidade encançada em automóveis e chapandou enormes charutos a diluírem-se em fumo, humo e cinza, num grande pagode comemorativo e fraternal. A ordem diverte-se ontem muito, entrando em fartas prodigalidades, em notórios esbanjamentos... Policialmente falando, celebrou-se rijamente o dia 13 de Fevereiro — a queda da Tralutânia.

Os filhos da miséria, da desgraça, da noite, dos prostitutos onde mercadejam a vossa honra e vos enxovalham a carne! os carregos, os vendedores pobres, os pedintes — como vos lamentol é que de hoje em diante ide-vos ver a rasca, como plebeianamente costumam a fazer a linguagem popular: haveis de pagar bem caro todas as despesas feitas com os festejos das esquadras policiais...

**Os armazénistas de mercearia e o grandioso protesto popular contra as roubalheiras do "honrado" comércio — Como eles estão tam sentidos...**

Extraordinariamente, reuniram os armazénistas de mercearia, depois do célebre comício da U. S. O. Quando se teve conhecimento de que iam reunir, imediatamente se supôs que, em presença do grandioso aviso que se fez no dia 7 do corrente, em S. Crispim, eles iriam discutir a melhor forma de morigerar as suas roubalheiras, atendendo a que um dia a paciência se esgota e o vultoso da ira popular deixa a sua dormência e irrompe em irrupções trágicas e vingadoras. Mas isso era uma coisa superior às suas forças ambiciosas e daí a assem-

blea reduzir no mais estrondoso dos descaramentos, visto que o descaramento faz parte da moral corrente desta sociedade em dissolução.

Em primeiro lugar, os "honrados" armazénistas manifestaram a sua "revolta" contra os propagandistas operários que lhe atiraram com as verdades, em forma de "insultos" e "doctos". Assambradores, exploradores, envenenadores, ladrões, suínos na engorda à custa da miséria pública? Isso não. Os oradores do comício de S. Crispim deveriam afirmar que quem tem enriquecido, criado fortunas fabulosas, comprado casas e quintas, joias e amantes caras e luxuosas como princesas, é o povo operário e consumidor, que vive nas ilhas e bairros humildes, sem roupa, calçado e pão para vestir, calçar e alimentar convenientemente os seus filhos, que não tem arcos, espadas, galas, cavalinhos e criadas a aturar-lhos.

Não dizendo isto os oradores, foram injustos, apenas demonstrando o sentir das "insignificantes" minorias que costumam quasi sempre agir na defesa de fins inconfessáveis e misteriosos, como inconfessáveis e misteriosos são os latrocinios do comércio.

A propaganda que os propagandistas das classes operárias vêm fazendo é nociva aos interesses da sociedade actual, delesteria e dissolvete, porque vem perturbar a dissolução que se trava na produção e distribuição de mercadorias em referência, o comércio de profissões trabalhos dos estabelecimentos e dos escritórios, como o operariado em fábricas e oficinas. Sim, o primeiro trabalho inútil o de rapinar, roubando o que o que é dos outros: de cujo trabalho imprudente tira resultados excelentes, orientando, rendendo, o segundo, fabricando, manipulando e produzindo tudo quanto é essencial à vida, tendo como única recompensa e único trabalho, a fome, a miséria, o abandono, a tuberculose, a morte. Porque a produção do operário, que há de ser banida, vai parar às mãos dos intermediários, que igualmente tem de ser banidos.

A moção que os armazénistas aprovaram, entre estrepitosas salvas de palmas e agitações pesadas dos rotundiventes abdomens, reconhece que não é com discursos inflamados, mais ou menos oriados de lindas flores de retórica que a coisa social se modifica. Evidente, temente, isto já não vai com validade.

É certo que os armazénistas também não querem desmandar nem excessos, e os desmandos do comércio possam crescer. O comércio profissional não tem culpa da vida cara, esta deve-se, na opinião dos rotundiventes mercieiros, à desvalorização da moeda, que, por sua vez, é devida à diminuição do horário do trabalho...

Os armazénistas, que tem os seus armazéns abarrotados de produtos roubados, ainda querem que os trabalhadores trabalhassem mais para os outros, a troco dum tã e mais. Os mercieiros, os traficantes reclamam dos outros que se esteíem, depauperem para que os cofres dos exploradores se encham mais e mais.

É velho o chavão... É verdade que os armazénistas, para lenificarem a acusação feita ao operariado, também concordam que se pode atribuir a vida cara às despesas públicas, porém aumentadas desordenadamente, pois os governos, pois o Estado, tem criado uma afilhada colossal, ruinosa que, conjuntamente com os milhares de homens robustos da guarda, arrancados ao campo, e com um exército em permanente estado de guerra, consomem toda a riqueza fomentada pelo operariado sacrificado.

O comércio profissional, esse é que não tem culpa alguma da caresta dos géneros; enriquece hora a hora, dia a dia, mas, que diabo, não é por mal, e para que todos tenham facilidade de viver... miseravelmente.

Ah! sim, o comércio também influi na vida cara. Um armazénista, por exemplo, possui nos seus esconderijos mercadorias obtidas ao câmbio de x; amanhã o câmbio agrava para x; imediatamente o bom do armazénista aproveita-se do fenómeno e principia a vender os géneros ao câmbio de x, obedecendo aos impulsos da sua generosidade.

Em resumo: o que pretendem os armazénistas, de hoje para o futuro, os propagandistas das classes operárias, a fim de que o movimento contra a caresta da vida tome outra orientação mais segura e lógica? Muito simples: que puguem a união do roubado com o gatuno, do trabalho com a ociosidade, da miséria com a opulência, que dá o progresso às nações e o bem-estar às sociedades; que aconselhem os exploradores a que não se queixem dos seus sofrimentos e martírios, beijando a mão criminosa que lhes apunha a sua existência feliz, que lhe rouba o pão do alimento e do espírito; e incitando-os a que trabalhem utilmente, porque os negociantes não são úteis, — num movimento, sem designação de horas, sem descanso, eternamente, até calarem extimines...

À mesmo tempo, os mercieiros proclamam o respeito mútuo, a economia

em a moral e a pura, eles, que já mais se preocuparam com a situação económica das classes produtoras, arrepanhando-lhes o último centí, eles, que já mais conheceram a moral, porque toda a sua acção na sociedade é imoral, nefasta, ruim, de misteriosas fraudes...

No entanto, aqueles descarados cavalheiros, de par e passo que reconhecem que os governos tem desbaratado o tesouro nacional, pedindo-lhes para que procurem melhorar os câmbios, administrando os dinheiros públicos com honestidade, dando a entender que os seus desvarios, as suas desonestidades, é que tem alastrado o país para a miséria — chamam a atenção das autoridades competentes para a propaganda nefasta e anarquizante que se está infiltrando entre a população operária do país, sem que isto represente na verdade o intento de melindrar qualquer classe ou entidades...

Rorque a C. P. é muito amiga dos operários inteligentes, atirando-os às leras, apontando-os à chacina...

Compreendem?

14 de Fevereiro.

C.V.S.

### Sindicato Unico Metalúrgico — Conselho Técnico e de Melhoramentos

PORTO, 14 — Sob a presidência de Raul Silva, secretário do Sindicato de Souto e Joaquim d'Oliveira Braga, reuniu o Conselho Técnico e de Melhoramentos deste Sindicato.

Aprovada a acta da sessão anterior, é apresentado um estudo feito pelos delegados que compõem a comissão encarregada de melhorar a situação económica dos operários do ramo de ferro.

Depois de vários delegados se referirem sobre esse assunto, foi resolvido que o aumento a reclamar para os operários do ramo de ferro seja o seguinte: Até 3500-100% e de 3500 para cima, 350% de aumento.

Em seguida foi resolvido efectuar reuniões de preparação da classe, sendo nomeados os delegados que nelas tomarão parte.

Hoje deve realizar-se a primeira, na sede do Sindicato, à rua de Camões, com os delegados Santos Vizeu, Rainha, Gonçalo Souto. A seguir, realizar-se-ão estas:

2.ª Sessão (Arribada), quinta-feira, pelas 20 horas; delegados: Santos Vizeu e Gonçalves Souto. 3.ª Sessão (Antas), sexta-feira, 17, às 20 horas; delegados: Rainha, Raul Silva e Manuel Gomes.

Em seguida, foi apreciado o estudo feito pelos delegados do ramo profissional de prataria.

O camarada João Soares, entende que o aumento para a classe dos ourives deve ser idêntico ao do ramo de ferro, sendo de igual opinião Santos Vizeu, ficando resolvido neste sentido.

A primeira reunião de preparação da classe, para que possa fazer virar as suas reclamações, efectua-se no domingo, na 4.ª sessão, às Antas, que decorreu com entusiasmo e à qual assistiram os delegados Mário Carvalho, Logo Rodrigues, João Soares e Eulino de Almeida. Amanhã deve realizar-se a segunda, na sede central do Sindicato, com os delegados Santos Vizeu e Mário Carvalho.

Em seguida, Santos Vizeu pediu aos dois delegados soldadores presentes para que façam, no seio da sua classe, a máxima propaganda no sentido de nenhum seu colega ir trabalhar para a fábrica de conservas, Inveniente Limitada, por os operários dessa fábrica se encontrarem em greve. Joaquim Pinto Reis, delegado soldador, afirmou prestar toda a solidariedade aos seus camaradas em luta, fazendo toda a propaganda possível para que nenhum operário da sua especialidade vá atrair para uma causa justa, sendo sua opinião que no Porto não há ninguém que se preste a tão repugnante papel.

Depois de tratados outros assuntos, a sessão encerrou-se às 23 horas e meia. A próxima é a de sexta-feira, pelas 20 e meia horas prefixas.

### Solidariedade

A comissão angariadora de donativos nomeada pela F. J. S. distribuiu pelas camaradas feridas a quantia de 90900 e a mãe do camarada J. de Figueiredo a quantia de 15500. Foram recebidas mais as seguintes quantias: Officina metalúrgica da R. Marcos Portugal, 3555; Francisco de Oliveira, 1520; Ezequiel Leigo, 1500; António Ferreira, 2520; José Pires de Matos, 10550; David de Carvalho, 2520; Nucleo de Lisboa (gota semanal), 3540; Manuel A. de Oliveira, 1525.

Realizando-se no próximo domingo, às 17 horas, o benefício em auxílio do camarada Manuel Ramos, consoante de concurso de paródias carnavalescas, de carácter puramente social, convidam-se mais uma vez as camaradas que tenham alguma paródia nesse sentido e queiram concorrer, o favor de enviar um postal, até sábado à noite, para a Comissão angariadora de donativos para o camarada Manuel Ramos, Calçada do Combro, 33-A, 2.º mandando o título da paródia, nome do director e autor. Os bilhetes vendem-se à porta.

Reúne a comissão hoje, às 21 horas, para tratar de assuntos que se prendem com o benefício.

O camarada Manuel Ramos declara que lhe foi entregue a quantia de 100500, pela comissão angariadora de donativos para custear as despesas a fazer com o seu processo, agradecendo a todos os camaradas que tenham concorrido em seu auxílio.

## TEATROS & CINEMAS

**Notícias**

Está a dar as últimas representações no Politano a 8.ª *Mulher do Barba Azul*, que tem constituído um magnífico sucesso. Para a substituir no certaz anuncia-se já, para a noite de 22, a 1.ª representação da comédia em 3 actos, de Hennequin, *Amor a quanto obrigas*, em 6.ª recta de assinatura.

Amanhã efectua-se no mesmo teatro a recta do estimado actor João Calzans e do não menos estimado secretário da Companhia Lucinda Simões, Costa Pereira, com a *Mulher sem importância*, acompanhada de versos pela actriz Alda. Rodrigues e pelo actor Calzans, recitando Brundil-Júdice a lindíssima poesia de Campo Amor "Quem supiera escrever".

Na próxima quinta-feira, 23 do corrente, efectua-se a 5.ª recta de assinatura do teatro Nacional, com a primeira representação da peça *Carta Anónima*, traduzida da comédia espanhola de Muñoz Seca, *El Ardil*, por Ernesto Rodrigues, Félix Bermudes e João Bastos, destinada a fazer a época de Carnaval.

**Reclames**

Como era de prever, a concorrência ontem no Nacional, foi mais uma vez selecta e numerosa. A recta da moda não faltaram muitas famílias para a qual *O Centenário*, a delicada peça do Quintero, constitui, muito justamente, um espectáculo encantador.

Muitas pessoas que para essa recta tinham conseguido os lugares que pretendiam, apressaram-se em tomá-lo para hoje.

No domingo, também com a mesma peça, é a 1.ª recta de carnaval, havendo o baile de máscaras no salão nobre, na sala, depois do espectáculo. Aos dois bailes pode o público assistir e tomar parte, comprando um só bilhete.

São verdadeiramente sensacionais as atrações que se poderão admirar no Avenida Parque, durante as festas do carnaval, que começam já no sábado. O vicinamento de atmosfera das salas, que tanto prejudica os bailes públicos, não se dará ali, visto que o palácio é circundado por encantadores jardins, em que haverá fontes luminosas e outras várias surpresas. O carnaval no Avenida Parque, vai pela certa ser o "glorioso" da temporada.

A imprevisível revista *Alhos e Bugalhos*, intercalada no novo quadro *Amor sem valor* da incomparável revista *Bichinha Gata...*, em pleno êxito no Foz, continua a entusiasmar o público, que ri sem descanço, com os dois actos de "comédia", que são António Gomes, da Trindade, e Otelio de Carvalho.

Hoje completa 204 representações a desigual revista, indo a scena em rectas da moda.

Um bom jantar e por cima uma sessão com a revista *O 31* é o que mais pode ambicionar uma pessoa nesta vida.

No carnaval a empresa vai organizar os seus espectáculos dum maneira inédita e sensacional, que Lisboa muito vai apreciar.

— O toureiro sempre casa? — O lagarto mata? — A revolução rebenta? — Vá ver o *Toureador* ao Avenida, que tudo saberá!

— Mais uma estreia se realiza hoje no Coliseu dos Recreios: a da arrojada e intrépida gineasta Mlle. Guerre que, através a sala de espectáculos sobre um trapézio equilibrando-se sobre a cabeça. É um trabalho sensacional que deve levar ao Coliseu farta concorrência.

No Teatro Gil Vicente efectua-se hoje a primeira revista em 1.º prólogo, 2 actos e 7 quadros, *Pim! Pam! Pum!*, repetindo-se amanhã, sábado, domingo e 2.ª feira.

Realiza-se hoje, no Teatro dos Anjos, a festa do fiel deste teatro. Tomam parte a troupe "Serranos", baristas "Os Peninsulares", equilibristas "Basilios" e haverá um concílio poético por extimos cultivadores da canção nacional.

No próximo domingo, 19, representará, a companhia infantil, no Teatro dos Anjos, as operetas *Amores dum marinheiro* e a *Talada* e 2 actos de variedades. Não éron filis cómicas.

É certa uma grande eufénica.

**CARTAZ DO DIA**

S. CARLOS. — Às 21. — *O Lohengrin*. — NACIONAL. — Às 21. — *O Centenário*. — S. LUIS. — Às 21. — *A Valsa Alegre*. — POLITEAMA. — Às 21.50. — *A 8.ª mulher do Barba Azul*. — AVENIDA. — Às 21.15. — *O Toureador*. — CHIADO TERRASSE. — Às 21. — *O Juiz de Fora*. — EDEN. — Às 20.30 e 22.30. — *O 31*, revista. — POZ. — Às 20.30 e 22.30. — *Bichinha Gata...* revista. — COLISEU DOS RECREIOS. — Às 20.45. — Companhia de circo. — GIL VICENTE. (à Graça). — Às 21. — *Pim! Pam! Pum!*, revista. — ANJOS. — Às 21. — Companhia infantil. — CONDES (Avenida). — Animatógrafo. — PROMOTORA (ao Calvário). — Animatógrafo.

Publicaremos crítica ou referência às obras de que nos enviarem dois volumes

## Associação Anti-Alcoolica Operária

**Corpos gerentes.** — Reúnem hoje, pelas 20.30 horas, sendo necessária a comparencia de todos os seus membros. Comunica-se ao secretário da Comissão de Propaganda que deve trazer o original do folheto de propaganda anti-alcoolica para se resolver sobre a sua publicação.

## Agressões

No Banco do Hospital de São José recebeu curativo o subido francês Auguste Yean de 18 anos, tripulante no vapor frances *Ysor* que na rua do Comércio foi agredido com uma facada no rosto.

No mesmo banco recebeu ontem curativo Dionisio Ferreira, de 19 anos, natural de Lisboa, carroceiro e residente na travessa de João Alves, 12 que numa taberna da rua da Paz, à Ajuda foi agredido por um indivíduo que lhe atirou com um copo, fazendo-lhe um grande ferimento na cabeça.

## H. GOMES & GOMES, L.º

Para os devidos efeitos se faz público que por escritura de 12 de Outubro corrente lavrada nas notas do notário desta comarca M. Faco Viana, se constituem entre Antonio Herculano Gomes e Luis Herculano Gomes, uma sociedade comercial por cotas de responsabilidade limitada que se regerá pelas cláusulas dos artigos seguintes:

- POR MINUTA**
- 1.ª — A sociedade adopta para todos os seus actos a firma de H. Gomes & Gomes, L.º.
- 2.ª — A sede da sociedade é em Lisboa e o seu provisório escritório na Alameda Nova do Colégio, n.º 5-2.º andar.
- 3.ª — O seu objecto é o comércio de comissões e consignações, podendo livremente explorar qualquer ramo de comércio ou industria em que os sócios concordem.
- 4.ª — A sociedade teve o seu início no dia 1 de Agosto de 1920.
- 5.ª — O capital social é de 5000000, subscrito pelos sócios em partes iguais sendo uma terça parte representada pelo valor do activo, liquido do passivo e vários bens mobiliários e utensílios a que eles pertencem em comum, e na mesma proporção transferem para a sociedade com a obrigação de pagar qualquer passivo que os mesmos tenham e o restante em dinheiro que já lhe entrada na caixa social.
- 6.ª — Não serão exigíveis prestações suplementares mais qualquer dos sócios poderá fazer à caixa social os suprimentos de que esta carecer mediante o juro de 6% ao ano.
- 7.ª — O sócio que pretender ceder a sua cota terá de a oferecer previamente em carta registada ao outro sócio que terá o direito de adquirir por seu valor inicial realiado, acrescido da correspondente parte do fundo de reserva.
- 8.ª — Se o outro sócio declarar que não pretende a cota alienada responde também em carta registada dentro do prazo de 15 dias a contar da recepção do oferecimento, poderá ela ser livremente cedida.
- 9.ª — No caso de falecimento, ou interdição de qualquer dos sócios, os herdeiros ou representante do sócio falecido ou interdição podem dividir entre si como entenderem a sua respectiva cota, devendo, porém nomear um dentre eles que os represente perante a sociedade, sem o que não poderão ter qualquer intervenção nos seus negócios.
- 10.ª — A administração de todos os negócios da sociedade e a sua representação em juízo e fora dele activa e passivamente, serão exercidas pelos dois sócios que ficam já nomeados gerentes com dispensa de caução.
- 11.ª — Os gerentes é expressamente prohibido fazer uso da firma social em actos e contratos que não digam respeito aos negócios da sociedade e outros semelhantes sob pena de quele que infringir o disposto neste artigo perder em favor do outro sócio metade dos lucros que lhe competirem no ano em que cometer a infracção sendo além disso responsável para com a sociedade pelos prejuizos que lhe causar com tal uso.
- 12.ª — Em 31 de Dezembro de cada ano proceder-se-há a um balanço geral da sociedade que deverá estar concluido e assinado dentro dos 30 dias subsequentes após o que será irrecorrível.
- 13.ª — Os lucros líquidos accusados pelos balanços anuais depois de deduzida a percentagem de 5% para fundo de reserva legal sempre que por lei seja necessário bem como os prejuizos verificados, por igual modo serão divididos pelos sócios em partes iguais.
- 14.ª — A sociedade dissolve-se unicamente nos casos previstos pela respectiva legislação.
- 15.ª — Em qualquer caso de dissolução serão liquidatários ambos os sócios e será obrigatória a liquidação em globo do estabelecimento social a fim de ser adjudicado aqúele que mais oferecer.
- 16.ª — Para todas as questões emergentes neste contracto entre os sócios seus herdeiros e representantes ou entre a sociedade e qualquer destas entidades fica estipulado o fóro da comarca de Lisboa com renúncia expressa a qualquer outro.
- 17.ª — Em todo o omissão regulará as disposições da lei applicável e nomeadamente as da lei de onze de Abril de mil novecentos e um.
- Lisboa, 14 de Fevereiro de 1922. — O ajudante do notário Mário Rodrigues, Luis de Sousa Rebelo.

## Rendimentos dos operários

Depois de receber os primeiros socorros no posto da Cruz Vermelha do Terreiro do Paço, recolheu estado grave à enfermaria de Sousa Martins do hospital de São José, António Rodrigues de 58 anos, trabalhador, natural de Midos concelho de Taboas e residente na rua Vale Formoso de Baixo, em Braço de Pira, que na fábrica Brito ao Beito foi colhido por um camion ficando muito ferido na cabeça.

## António Lopes Tacha, L.º

Para os devidos efeitos se publica que, por escritura de 11 de Fevereiro corrente, lavrada a folhas 39 do competente livro n.º 9 do notário desta comarca dr. Mário Rodrigues, foi constituída entre António Lopes Tacha, Joaquim António de Carvalho e João Lopes, uma sociedade comercial por quotas de responsabilidade limitada, nos termos constantes dos seguintes artigos:

- PRIMEIRO**
- A sociedade adopta para todos os seus actos e contratos a firma "António Lopes Tacha, Limitada", tem a sua sede nesta cidade e o seu estabelecimento é na Avenida da República, A. L. T. L.
- SEGUNDO**
- O seu objecto é a compra, venda e revenda de bens imobiliários e em geral todo e qualquer ramo de comércio ou industria que os sócios, de comum acordo, resolvam explorar.
- TERCEIRO**
- A sua duração é por tempo indeterminado e o seu começo conta-se a partir da data da presente escritura.
- QUARTO**
- O capital social é de seis mil escudos, em dinheiro, dividido em três quotas iguais de dois mil escudos, uma de cada sócio, e estão todas realizadas na caixa social.
- QUINTO**
- Não serão exigíveis prestações suplementares de capital. Os suprimentos que os sócios fizerem à caixa social venderão o juro que entre si combinarem.
- SEXTO**
- A gerência e administração de todos os negócios da sociedade ficam incumbidos com dispensa de caução e sem remuneração aos sócios António Lopes Tacha e João Lopes, e só eles farão uso da firma social, mas unicamente nos negócios e transacções da sociedade e nunca em actos de favor, abonação, fianças e outros semelhantes.
- Parágrafo único — A gerência fica desde já expressamente autorizada a trocar, vender ou por outra forma alienar todos ou parte dos bens imóveis da sociedade.
- SÉTIMO**
- Em trinta e um de Dezembro de cada ano dar-se-há balanço a todos os negócios da sociedade. Os lucros líquidos apurados depois de deduzida a percentagem de cinco por cento para fundo de reserva legal, serão divididos pelos sócios em partes iguais.
- OITAVO**
- É permitida a cessão total ou parcial de cotas entre os associados.
- NONO**
- A cessão de cotas a favor de qualquer pessoa ou entidade extranha à sociedade só é permitida depois de oferecida nos termos de direito à sociedade, em primeiro lugar e em segundo lugar aos sócios individualmente, podendo uns e outros adquirir a cota alienada pela ordem respectiva, pagando a pelo valor do desembolso acrescido da respectiva parte no fundo de reserva e dos lucros calculados em igual período do ano anterior.
- DÉCIMO**
- Por falecimento ou interdição de qualquer dos sócios, a sociedade continuará entre os sócios sobreviventes ou habéis e os herdeiros ou representantes do sócio falecido ou interdição se assim convier a sociedade.
- PARÁGRAFO ÚNICO**
- Se não convier a continuação na sociedade dos referidos herdeiros ou representantes esta fica com o direito de amortizar a cota do falecido ou interdição pelo valor do desembolso, acrescido da respectiva parte do fundo de reserva e dos lucros calculados pelos apurados em igual período do ano anterior dum só vez ou em quatro prestações trimestrais e iguais devidamente garantidas e acrescidas do juro de dez por cento ao ano.
- DÉCIMO PRIMEIRO**
- A sociedade dissolve-se nos casos marcados na lei. A sua liquidação e partilha far-se-há como os sócios entre si combinarem.
- DÉCIMO SEGUNDO**
- Em tudo o omissão regulará as disposições da lei applicável e nomeadamente as da lei de onze de Abril de mil novecentos e um.
- Lisboa, 14 de Fevereiro de 1922. — O ajudante do notário Mário Rodrigues, Luis de Sousa Rebelo.

## Falecido sem assistência

Na Morgue deu ontem entrada Sebastião Duarte, guarda da Câmara e residente na Quinta de D. Quiteria, na Estrada da Luz que ali faleceu sem assistência.

## Declaração

Declaro, com o meu público reconhecimento, que recebi da comissão que tratou do benefício em meu favor, quando da minha estada no hospital, a quantia de 195\$87. — Urbano Alves Abreu.

## Combiop

	Compra	Venda
Libra esterlina	58180	60000
Paris	1445	1455
Italia	8537	8600
Belgica	16055	16125
Suica	26010	26025
Espanha	29080	29100
Berlin	6055	6075
Holanda	48-81	50-80
New York	150-00	150-00

## Motores de explosão

Encontra-se à venda na Secção de Livraria de A Batalha, a 3.ª edição desta magnifica obra. Preço 6\$50. Pelo correio registada 6\$90.

## "Peroxydril"

A melhor água oxigenada. A venda em todas as farmácias e drograrias. Fabricantes: Bandeira de Melo, L.º

## Gama

Grande variedade de Bilhetes, fracções e cautelas para todas as LOTERIAS PREÇOS CORRENTES Pelo correio mais \$15 para registo Fornece para revender TELEFONE 1020 CENTRAL PEDIDO A F. SILVA GAMA R. do Amparo, 51-Lisboa

## CLÍNICA DENTÁRIA

PARA AS CLASSES POBRES (Preços de Policlínica) Consultas das 10 às 12 MARIO MACHADO Da Escola Dentária de Paris R. Garrett, 74, 1.º — Telef. C. 4186

## Damião & C.º

Especialidades em fatos, vestidos e chapéus para trianças 57, Rua Garrett, 59 LISBOA Telefone 2940

## Operários lapidadores de espelhos

Precisam-se para uma grande fábrica no Norte. Carta com referencias e ordenado que desejam a agência de anúncios. Rua Augusta, 270, 1.º a B. X. 565.

## Carpinteiros

Precisam-se com prática de oficina. R. dos Correios, 119

## Caminhos de Ferro Portugueses

## Materiais e Tracção

Serviço dos Armazens Fornecimento de 200 toneladas de lea mineral escuro No dia 20 de Fevereiro pelas 15 horas, na estação central de Lisboa (Rossio), ante a Comissão Executiva desta Companhia, serão abertas as propostas recebidas para o fornecimento de 200 toneladas de lea mineral escuro para utilização, nas condições estabelecidas em Lisboa, na repartição central do Serviço dos Armazéns da Divisão de Materiais e Tracção (edifício da estação de Santa Apolónia) todas as dias úteis das 10 às 16 horas. O depósito para ser admitido a licitar deve ser feito até às 12 horas praticas do dia do concurso, servindo de regulador o regulamento externo da estação do Rossio. Lisboa 15 de Fevereiro de 1922. — O Director-Geral da Companhia — (a) Ferreira de Mesquita. Trabalhadores: Lede e propagal A BATALHA

**Agentes em Lisboa: SENRA, NEVES & ESTEVES**

Rua Eugénio dos Santos, 140, 2.º

Onde podem examinar a boa colecção de todos os artigos para homem e senhora

# LANIFICIOS

Não confundir. É o actual proprietário da antiga e bem conhecida casa Jerónimo Matos Pintasilgo, que vem lembrar mais uma vez ao consumidor, a conveniência de fazer as suas compras directamente ao fabricante, pois que o intermediário absorve largos e fabulosos interesses os quais são prejudiciais ao consumidor. E como adquirir-se um corte de calça, fato ou vestido barato? Um simples postal dirigido a JAIME PINTASILGO — COVILHÃ, lhe será enviada uma colecção na volta do correio e reembolso quando não seja o pedido acompanhado da importância. Todas as despesas de transporte, de amostras e encomendas, são de conta da casa.

Não confundir: O proprietário desta casa pede o especial favor de confrontarem a colecção em preços, qualidades e bom gosto, pois que não terá outra igual, que para isso tem o maior cuidado e esmero.

Pegam amostras a JAIME PINTASILGO

Não tenham dúvida: os mais baratos são os da casa

# Jaime Pintasilgo

FABRICANTE DE LANIFICIOS COVILHÃ



# Serviço de livraria

# A BATALHA

## Máquinas e Ferramentas

Para as indústrias,  
para a agricultura  
e para as colónias

### Instalações completas de:

Fábricas de moagem, descasque de arroz, massas, serração, carpintaria, cerâmica, conservas, fição, tecidos, gelo, refrigerantes, adubos, papel e outras indústrias.  
Motores a gás pobre de 8 a 300 H. P. «PAXMAN».  
Tractores «CASE» com as respectivas charruas «Grand-Detroit» — Os tractores que obtiveram o 1.º premio e medalla de ouro no concurso de Lincoln em competència com 38 outros concorrentes.  
Locomoveis, com formilha propria para queimar lenha, «PAXMAN».  
Motores a oleos pesados «DIESEL» e SEMI-DIESEL.  
Jogos de debulha «PAXMAN».  
Enfardadeiras «STEPHENSON».  
Máquinas de vapor, fixas, semi-fixas e caldeiras «PAXMAN» de todas as forças.  
Ceifeiras, gadanhadeiras, «DEERING».  
Respiradores e grades de dentes de mola.  
Cultivadores e semeadores «PLANET».  
Cortadores simples e para ensilagem.  
Trituradores para rações e cereais.  
Desintegradores «CARTER».  
Bombas centrífugas, aspirante-pressantes rotativas, Columbia, de jarro e religio.

Bombas «Worthington» e «Giffards» para alimentação de caldeiras.  
Bombas de trasfega «NOEL».  
Desnatadeiras e bateadeiras «ANGELUS».  
Crivos seleccionadores «Marot».

### Accessorios para todas as debulhadoras e ceifeiras

Redes de aço para escavadores.  
Carrinhos de mão para sacos.

### Tubos de aço para caldeiras fixas e locomoveis

Magnetos e alumagens para motores.  
Aparelhos diferenciais e mandris.  
Lubrificadores de todos os sistemas.

### Oleos, corpeias e empanques

Ferramentas para as indústrias.  
Tornos, limadores, máquinas de frezar, furar e atarrachar «DANISH».

### Instalações completas de luz e força motriz

Sem excesso de reclame, a casa que tem em armazem não só os maquinismos que anuncia, mas ainda muitos outros que pela sua diversidade é impossível especificar. Para comprovar o que afirmamos, convidamos os nossos ex.ºs clientes a visitar os nossos armazens.

Tornem-se propostas e orçamentos

Eduardo Pinto de Sousa & C.ª, L.ª

Telef.: C. 193 e 2288 — 74, Rua 24 de Julho — End. telegr.: Mecânica-Lisboa  
LISBOA

Ninguém segure prédios ou mobílias  
contra incêndio, sem consultar



### A MUNDIAL

COMPANHIA DE SEGUROS

Capital 500.000\$00 — Reservas: 640.696\$14,7  
SEDE EM LISBOA — DELEGAÇÃO NO PORTO  
Rua Garrett, 95 — Tel. 4084 — R. Sá da Bandeira, 331, 1.º

A Mundial, de acordo com um fortissimo grupo ressegurador, estabeleceu prémios para os seus segurados que DESAFIAM TODA A CONCORRENCIA, oferecendo a máxima das garantias. NÃO SOBRECARRGA os segurados com qualquer ADICIONAL para impostos, que são integralmente pagos pela Companhia, nem com custo de apólices. Segura também contra INCENDIO E ROUBO numa só apólice.

AGENCIAS EM TODO O PAIS

### ARMAZEM APOLO

30, Rua do Amparo, 34

### BARBEITOS & LEÃO

Participam a todos os amigos e camaradas que tomaram a gerência daquele armazem, onde se encontra um grande e variado sortimento de artigos de

### Chapelaria e Sapataria

### A Crise do Socialismo

Brochura de grande actualidade  
por AUGUSTIN HAMON

Encontra-se já á venda nas livrarias, tabacarias e quiosques.  
PREÇO \$40

### Publicações sociológicas

(A' venda na Secção de Livraria de A BATALHA)

	Pelo correio	Pelo correio
Adelino de Pinho. — Quem não trabalha não come.....	\$50	\$55
Adolfo Linet. — A alma e o corpo.....	\$200	\$230
Afonso Schmidt. — Evangelho dos pobres.....	\$20	\$25
Basilio Tellez. — O estatuto dos povos.....	\$60	\$70
Beland. — A greve geral.....	\$12	\$15
Campos Lima. — O movimento operário em Portugal.....	\$60	\$70
Carlos Rates. — A ditadura do proletariado.....	\$40	\$45
Carneiro de Moura. — A mulher e a civilização.....	\$150	\$160
Cesar dos Santos. — A questão operária e o sindicalismo.....	\$50	\$55
Campos Lima. — O movimento operário em Portugal.....	\$150	\$160
Conte. — Contra o confucionismo.....	\$10	\$15
Delais. — Os financeiros, os políticos e a guerra.....	\$10	\$15
Domela Nieuwenhuis. — Pátria e Humanidade.....	\$60	\$65
Dufour. — O sindicalismo e a próxima revolução (2 vol.).....	\$200	\$230
Emilia Costa. — Acção directa e acção legal.....	\$60	\$65
Eltovant. — A minha defesa social.....	\$10	\$15
Fraser. — A Rússia vermelha.....	\$250	\$280
Fabra Ribas. — O socialismo e o conflito europeu.....	\$60	\$65
Griffuelles. — A acção sindicalista.....	\$60	\$65
Guilherme de Greef. — As leis sociológicas.....	\$100	\$115
Guayou. — Ensaio critica moral sem obrigação nem sanção.....	\$100	\$115
Hamon. — A conferência da Paz e a sua obra.....	\$100	\$115
As lições da guerra mundial O movimento operário na Psicologia do militar profissional.....	\$100	\$115
Psicologia do militar profissional.....	\$100	\$115
A Crise do Socialismo.....	\$100	\$115
Henriette Roland. — A Rússia nova.....	\$12	\$15
Jean Grave. — A Anarquia-Fins e meios.....	\$50	\$55
A Sociedade Futura.....	\$120	\$130
Indivíduo e a Sociedade.....	\$100	\$115
José Carlos de Sousa. — A propriedade privada.....	\$20	\$25
José T. Lorenzo. — Maximalismo e Anarquismo.....	\$20	\$25
João Guedes. — A lei dos salários.....	\$12	\$15
Krajotkin. — A Anarquia, sua filosofia e seu ideal.....	\$60	\$65
A Grande Revolução (2 vol.).....	\$200	\$230
Algoranarquismo.....	\$12	\$15
Sindicalismo e Parlamentarismo.....	\$60	\$65
Os bastidores da guerra.....	\$60	\$65
Legardelle. — Sindicalismo e Socialismo.....	\$60	\$65
Landauer. — A Social Democracia na Alemanha.....	\$60	\$65
Leone. — O Sindicalismo.....	\$60	\$65
M. Pierrat. — Sindicalismo e Revolução.....	\$60	\$65
Malatesta. — A politica parlamentar no movimento socialista.....	\$60	\$65
O programa socialista-anarquista revolucionário.....	\$60	\$65
Entre camponeses.....	\$60	\$65
No café.....	\$60	\$65
Manuel Ribeiro. — Na linha do fogo.....	\$60	\$65
O Capital.....	\$120	\$130
Marx. — A caminho da união livre.....	\$120	\$130
Nietzsche. — Anti-Cristo.....	\$100	\$115
Genealogia da moral.....	\$100	\$115
Novicow. — A emancipação da mulher.....	\$100	\$115
Patat. — Pougot. — Como fazer a revolução.....	\$100	\$115
Perfeito de Carvalho. — Notas e comentários.....	\$60	\$65
Pouget. — A Confederação Geral do Trabalho.....	\$60	\$65
Prat. — Necessidade da associação.....	\$60	\$65
Ricardo Mella. — O principio do fim.....	\$60	\$65
Rossi. — A sugestão e as multipl......	\$60	\$65
Russomano. — A escravidão social da mulher.....	\$60	\$65
Santos. — A transformação da sociedade pelo sindicalismo.....	\$60	\$65
Tolstol. — O canto do clero.....	\$100	\$115
Ultimas palavras.....	\$100	\$115
Trótsky. — Constituição politica da república dos Soviéticos.....	\$60	\$65
Um de nós.....	\$60	\$65
A canalha.....	\$60	\$65
Vandervelde. — O colectivismo e a evolução industrial.....	\$100	\$115



### VÃO A' Sapataria S. Roque

Grande sortido de calçado que esta casa tem para a estação do inverno Bota branca, forma broa e americana, desde..... 13\$75 Bota calf pret com solado de borracha..... 37\$00 Bota calf cor, forma moderna e broa..... 26\$00 Bota branca para rapaz..... 9\$00 Sapatinhos de verniz para criança á bébé, desde..... 2\$50

Grande saldo Botas em calf pretas, botas calf cor, sapatos de verniz para homem tudo..... 20\$00

Calçado de luxo para homens, senhoras e crianças

Ultimos modelos Preços convidativos Fazem-se concertos. Venda por atacado e a retalho

Fornecedores dos empregados dos Caminhos de Ferro Portugueses e do Sul e Sueste, e da Cooperativa dos Empregados do «Diário de Notícias».

Queiroz L. da L. Trindade Coelho, 17 (Antigo L. de S. Roque)

Nicolau Gomes Correia ALFAJATE-MERCADOR

Grande sortido de lanifícios para homem e senhora, comprados directamente nas fábricas, o que lhe permite vender mais barato. Grande variedade de sobretudos e capas á alemtejana. Casacos para senhora á confecção-nados.

AVIAMENTOS-PARAALFAJATES

Rua dos Fanqueiros, 255

A COMUNA Semanário Comunista Libertário

Redacção e Administração Rua do Sol, 131 — PORTO

JOSÉ OTICICA

PRINCIPIOS E FINS DO PROGRAMA COMUNISTA-ANARQUISTA

Preço \$10 — Pelo correio \$13

Pedidos acompanhados da respectiva importância á administração de A Batalha.

### Belsaúde VITERI

Cigarrilhas medicinais ultra-elegantes Cura rapidamente

Catarrhos, defluxos, laryngites, bronquites, tosse, pigarro, rouquidão, e apressam a cura de todas as doenças da boca, garganta, ouvidos, nariz, olhos, bronquias e pulmões.

1.º Desinfeta profundamente as vias respiratórias, constituindo o mais pratico dos inhaladores.  
2.º É usado pelas senhoras mais finas porque perfuma o hálito e evita a carie dentaria e por todas as pessoas que tem de suportar óculos duvidosos porque as defende de contagios perigosos.  
3.º São usadas pelas pessoas doentes, pelas asthmaticas ou que sofrem de bronquites crónicas, porque limpando o pigarro abre-lhes o apetite e permite-lhes sonos reparadores segudos.  
4.º Limpando o pigarro, combate a rouquidão, acalora a voz e fortalece as cordas vocais; por isso são usadas pelas que cantam ou falam em publico.

O ABUSO SÓ PODE BENEFICIAR

5.º Atenua a acção nociva da nicotina que se deposita nas vias respiratórias dos fumadores e de quem com eles convivem, evitando-lhes o cancro e o catarro gastrico.  
6.º Desentorpece o cérebro fatigado, activa as faculdades intelectuais, evitando a surruega cerebral. Usadas por todos os que pensam muito.  
7.º Usadas pelas que viajam ou frequentam casas dos doentes, porque o fumo sana o ambiente e introduz-se em todas as células das vias respiratórias, preservando-as das doenças contagiosas, ta como: tuberculose, coqueluche, pneumonia, diphteria, angina, etc.

Há conveniência em engulir o fumo

PREÇO DAS CIGARRILHAS

Fórmula corrente: 80 centavos — Fórmula n.º 2 (forte) cart. 90 centavos  
Fórmula n.º 3 (fortissimo) cart. \$100

Depósito dos preparados com selo VITERI.

Vicente Ribeiro & C.ª Suc.ª

Rua dos Fanqueiros, 34, 1.º D.

O BRIG A' BRAC DE ALCANTARA

DE JOSÉ JOAQUIM NICOLAU VERISSIMO

37, Rua de Alcantara, 37 Sucursal: 111, Rua do Livramento, 113 LISBOA

COMPRA E VENDE E TROCA MOVEIS NOVOS E USADOS e diferentes objectos

Palha de milho, K.º \$45 ctvs., fina, K.º \$70 ctvs., Lenha, K.º \$08 ctvs. 5 oio de desconto aos assinantes de A BATALHA

Chapelaria A SOCIAL

Cooperativa dos Operários Chapelarios

Grande sortimento em chapéus, lisos e mechas em cores lindissimas, formatos dos mais afamados fabricantes estrangeiros

GRANDE NOVIDADE

Chapéu mole, novo modelo americano, muito elegante, 66 na Cooperativa A SOCIAL

Armazem e escritório: Rua Fernandes da Fonseca, 25, 1.º

ESTABELECIMENTOS

Sédes: — 31, Rua Fernandes da Fonseca, 33  
1.ª Sucursal: — Rua dos Poais de S. Bento, 74, 74-A  
2.ª Sucursal: — Rua do Corpo Santo, 29  
3.ª Sucursal: — Rua do Arco Marquês de Alegrete, 56, 58

### FERRAGENS E FERRAMENTAS

### Valério, Lopes & C.ª L.ª

Telefones (central) 2778 e 3478  
gramas Ferrame

Ferramental completo para todos os officios Ferragens de todas as qualidades, chapas de ferro, latão, zinco, oumbo e arames diversos. Carris, vagonetes e todos os pertencentes de material «Docaville».

22, largo de S. Julião, 23

Rua Nova do Almada, 1, 3 a 7

LISBOA

### Obras de literatura, sciência e ensino

(A' venda na Secção de Livraria de A BATALHA)

Adolfo Lima. — Educação e ensino.....	\$100	Jaime Cortesão. — Adão e Eva (teatro).....	\$200
Alfred Binet. — A alma e o corpo.....	\$250	Jean Cruet. — A vida do direito.....	\$200
Alfredo Neves Dias. — Razão (poema social).....	\$60	Laisant. — Iniciação matematica.....	\$200
Benedetti. — Arte de estudar.....	\$60	Le Bon. — Evolução geral da vida.....	\$60
Benuzzi. — Criação e vida.....	\$60	Manuel Ribeiro. — A Catedral.....	\$200
Clemençon. — A vida social.....	\$250	Imperiosa verdade.....	\$20
Clemente Jacques. — Historia Universal (2 vol.).....	\$400	O sentido de viver (versos).....	\$100
Colson. — Organismo económico e desordem social.....	\$250	Mirbeau. — O Jardim dos Suplicios.....	\$150
Danteo. — A sciência e a vida.....	\$250	Memórias duma criada de quarto.....	\$200
Mecânica da vida.....	\$100	Néno Vasco. — O Pecado de Simón.....	\$60
Dastro. — A vida e a morte.....	\$250	Tolstol. — Sonata de Kreutzer.....	\$100
Ernesto da Silva. — Teatro livre e Arte social.....	\$60	Vitor Hugo. — Franca e Belgica (2 v.).....	\$500
Faguet. — Iniciação literaria.....	\$500	Han d'Islanda (2 vol.).....	\$300
Arte de ler.....	\$150	Novata e três (2 vol.).....	\$200
Horror das responsabilidades.....	\$150	O homem que ri (3 vol.).....	\$450
Fiamaron. — Iniciação astronómica.....	\$200	O Reno (3 v.).....	\$150
Astronomia popular.....	\$60	O ultimo dia de um condenado.....	\$150
Caricaturas astronómicas.....	\$60	Zola. — Alegria de viver (2 vol.).....	\$500
Gorki. — Os degenerados.....	\$100	A conquista de Plassans (2 vol.).....	\$300
Os vagabundos.....	\$100	A fortuna dos Rougons (2 vol.).....	\$300
Sónus da familia (teatro).....	\$100	A tberna (3 v.).....	\$200
Ibsen. — Os espectros (teatro).....	\$100	Paraíso das Damas (2 vol.).....	\$200
		Tereza Raquin.....	\$150
		Reinach. — Historia das religiões.....	\$400
		Strauss. — A palha e a nova feitura.....	\$150
		Toulouse. — Como se deve educar o espirito.....	\$30

FABRICO MANUAL

Encontra-se nesta casa um grande sortimento de calçado para homem, senhora e criança, por preços de reclame

CALÇADO PARA CRIANÇA (para todas as idades)

Botas pretas, vitela, desde..... \$150  
Sapatos pretos..... \$100  
Bom sortido em calçado de côr..... \$100

CALÇADO PARA SENHORA

Sapatos de pelica, desde..... \$1100  
vitela, 2.ª, desde..... \$1200  
vermelha..... \$1300  
Grande variedade em calçado da Moda..... \$1300

CALÇADO PARA HOMEM

Botas brancas, vitela, desde..... \$1500  
pretas, cal. 1.ª, desde..... \$1600  
Calçado de luxo..... \$1700

Calçado de agasalho, muito barato

Grande Armazem de Calçado

21, Largo Rodrigues de Freitas, 21-A (Antigo Arco de Santo André)

Companhia Nacional de Navegação

Linha regular de três em três semanas, entre a Metrópole e as Colónias Portuguesas

Vapor MOÇAMBIQUE

Sairá no dia 21 do corrente para Madalena, S. Vicente, Praia, P.ª, Principe, S. Tomé, Cabinda, Zaire, Ambriz, Louanda, Cuito, B. Velha, Ambrizete, Quissanga, Boma, Nogué, Matadi, Landana, Macula e Mussera com transbordo em Louanda Novo Redondo, Lobito, Benguela, Mossamedes, B. dos Tigres e P.ª Alexandre.

Vapor MOSSAMEDES

Sairá em 15 de Março para os portos acima indicados.

Para carga, passageiros e mais escalrecimentos, dirigir-se aos escritórios da Companhia Nacional de Navegação

EM LISBOA: R. do Comércio, 85  
NO PORTO: R. da Nova Alfândega, 24

Histoire des Bourses du Travail

Origine — Institutions — Avenir por Fernand Pelloutier com um prefácio de George Sorel e uma nota biográfica de Vitor Dave.

Preço 7 francos — Sete escudos. — A' venda na Administração de A Batalha.

### Quereis o vosso relógio concertado com garantia e por preço módico?

Levae-o ao

33 de S.º André

actualmente

Largo Rodrigues de Freitas, 33 (em frente do chafariz)

OFICINA DE RELOJEIRO E OURIRES

DE ALVES D'ANDRADE, L.ª

A' grande Baixa de Calçado

a Sapataria Social Operária

Sapatos em calf-pretos para senhora..... \$1100

Sapatos em verniz todos os modelos..... \$2000

Botas calf-pretos grandes e saldos..... \$2500

Botas calf-pretos com duas solas..... \$2500

Grande saldo de botas pretas para homem..... \$1700

Grande saldo de botas brancas..... \$1600

Um colossal sortimento em calçado para crianças

Grande saldo de botas de côr para homem..... \$2300

Vão ver, pois só lá se encontra Barato e Bom

13, R. dos Cavaleiros, 20, com filial no n.º 69

COMPANHIA DOS CAMINHOS DE FERRO PORTUGUESES

LEILÃO

Em 20 do corrente e dias seguintes, ás 10 horas, por intermédio dos Agentes de Leilões, Casimiro Cândido da Cunha e So.º, Succesores, na estação desta Companhia em Lisboa, Cais de S.º do Sol, e em virtude do Aviso ao Público A. n.º 1 de 1.º de Janeiro de 1922, e do Artigo 112.º da Tarifa Geral, proceder-se-á á venda em hasta publica de todas as remessas incurras nos respectivos prazos bem como de outros valores não reclamados.

Atende-se, portanto, aos respectivos consignatários, de que poderão ainda retirar-se, pagando o seu debito á Companhia, para o que deverão dirigir-se á Repartição de Remessas e Investigações na estação de Cais dos Soldados, todos os dias úteis, das 10 horas, inclusive, das 10 ás 16 horas.

O leilão realisa-se no novo Armazem situado no fim do molhe n.º 5 da referida estação de Lisboa, com gerencia pela porta existente na rampa da calçada de Santa Apolonia, defronte do gradimento.

Lisboa, 1 de Fevereiro de 1922.

O Director Geral da Companhia (s) P.ª de Mesquita

TRABALHADORES, LEDE

A NOVELA VERMELHA